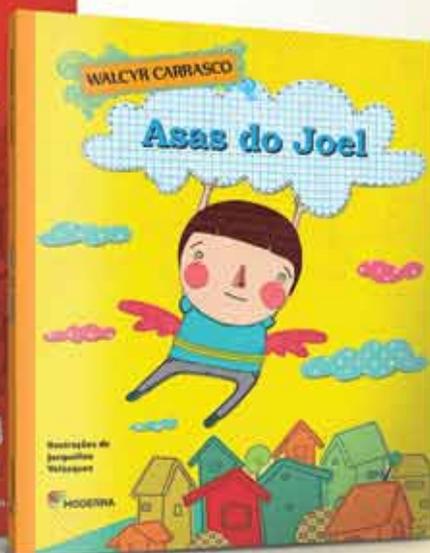




GUIA DO PROGRAMA DE LEITURAS



ESCOLA: ESPAÇO DE LEITORES E ESCRITORES

Guia elaborado por Ana Carolina Carvalho

A escola tem como tarefa indiscutível o ensino da leitura e da escrita. Mas afinal, o que significa ensinar a ler e escrever? Por muito tempo, o ensino da leitura e da escrita esteve atrelado ao ensino do código alfabético, a uma habilidade muito específica (conhecer as letras, os fonemas, as palavras), que precedia o contato com os textos inteiros e reais produzidos em nossa cultura.

Atualmente, a ideia de que se aprende a ler e a escrever, lendo e escrevendo, produzindo textos para serem lidos, já está bastante difundida. O entendimento do código alfabeto é essencial, mas ele não precede o contato com os textos. Essa é uma aprendizagem que se dá **no contato**, quando lemos e escrevemos textos reais, plenos de sentido, com uma função social clara.

A leitura, que outrora era vista como uma habilidade, como uma capacidade de decifrar o código alfabeto, passa a ser olhada de outra maneira: ler é atribuir sentido a um texto. Desse modo, **é o contato sistemático com os textos que ensina a ser leitor**, à medida que ensina a quem lê ou escuta uma leitura, para que serve aquele texto, qual o sentido e a função que possui.

Assim como a leitura não é decifração de um texto, mas um processo que pressupõe um leitor ativo, que atribui sentido ao que lê; a escrita não pode ser entendida como cópia, atividade que há tempos era comum na escola que pretendia ensinar a escrever. Escrever não é simplesmente copiar e a escrita não pode ser vista como mera atividade motora; escrever envolve uma atividade cognitiva,

implicando sempre a escrita de um texto que possui sentido, função e um destinatário. Isto também se dá a partir do contato com o texto e com as inúmeras situações de escrita reais.

Portanto, se a escola pretende ensinar a ler e a escrever formando alunos leitores e escritores, ela precisa fornecer o contato com os diversos textos que circulam socialmente, textos que comunicam e expressam ideias. Para tanto, é necessário que se crie um ambiente letrado em sala de aula, ou seja, um ambiente em que se lê e escreve os mais variados textos de nossa cultura, um ambiente em que circulem muitos títulos de livros, de diferentes autores e assuntos.

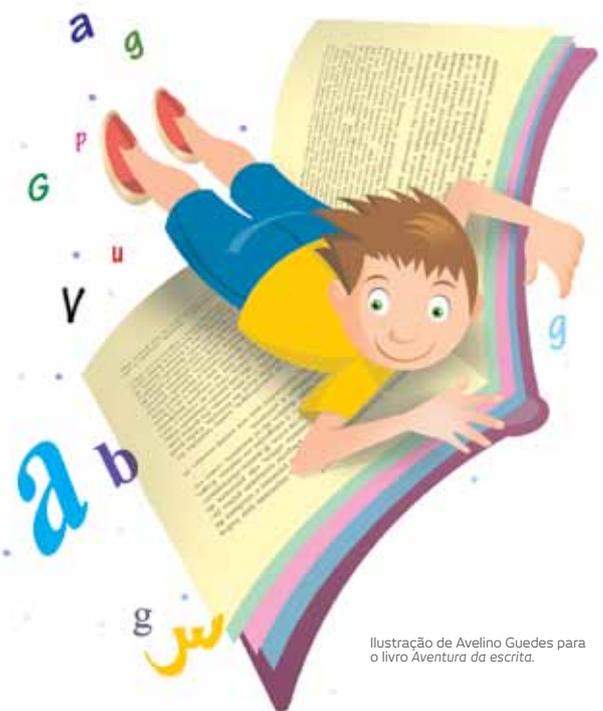


Ilustração de Avelino Guedes para o livro *Aventura da escrita*.

AS MUITAS FACES DA LEITURA

Além de pensar sobre a língua, de aprender e avançar em suas hipóteses de leitura e escrita, o contato com os diversos tipos de textos de nossa cultura também garante outro importante aspecto na formação das crianças: ele apresenta o mundo em que vivemos. Os livros nos dão a conhecer a vida, sua variedade de gêneros literários e assuntos abordados nos mostram

cada pedaço do mundo: romances, poesias, crônicas, novelas, livros informativos, dicionários ou livros de artes, entre tantos outros. Cada livro nos mostra um pouco da vida e, ao lermos um deles para nossos alunos, estamos lhes mostrando e apresentando um aspecto do mundo, a visão de um autor, seu modo de pensar, agir ou sentir, a época ou a cultura de um lugar.

“Ao lidar com a língua escrita, seja lendo ou escrevendo, toma-se consciência de duas coisas simultaneamente: do mundo e da linguagem. A língua serve exatamente para isso: para o discurso sobre o mundo”, David Olson

LER POR PRAZER

Os muitos tipos de textos também nos proporcionam diferentes leituras e comportamentos leitores frente aos textos. No processo de formação dos alunos leitores, em especial tratando-se do leitor de literatura, é importante que a escola esteja comprometida com a leitura gratuita, com o chamado “ler por prazer” ou “ler por ler”, destinando um tempo à leitura pessoal do aluno, estimulando-a e indicando livros, considerando o

gosto pessoal de cada um. Para isso, é necessário que alunos e professores tenham muito contato com os livros, lendo e conhecendo diferentes autores e textos, estilos e gêneros variados, para que saibam que textos lhes agradam, quais lhes falam mais diretamente, com quem dialogam, com quem aprendem ou pensam sobre a vida. Esses são aspectos muito importantes na formação do trajeto leitor de cada um.

LER PARA APRENDER

Se não lemos todos os textos da mesma maneira e nem com os mesmos objetivos e se não existe apenas um tipo de leitura possível frente aos mais

variados textos produzidos em nossa cultura, é certo que, na escola, uma leitura necessariamente presente é a leitura para aprender.

A LEITURA EM CAPÍTULOS

À medida que avançamos nos anos do Ensino Fundamental, podemos indicar aos alunos textos mais extensos, como as novelas ou os contos mais longos. Muitas vezes, no entanto, sabemos que não será possível lermos a obra toda de uma vez só, precisando organizar o grupo para a leitura em capítulos. Inicialmente, podemos fazer a leitura

coletivamente, retomando o texto no trecho em que paramos anteriormente, muitas vezes a partir do reconto. Outro fator interessante a ser trabalhado com os alunos está na possibilidade de antecipação do trecho seguinte ao que a classe interrompeu a leitura: o que eles imaginam que acontecerá?



A LEITURA COMO UM IMPORTANTE APOIO PARA A ESCRITA

Em muitas entrevistas ou conversas com escritores ou escritoras, quando são perguntados sobre o conselho que achariam mais importante dar àqueles que desejam seguir o mesmo ofício, ou sobre o que mais os ampara na escrita de seus livros, invariavelmente escutamos a resposta: “para alguém que queira ser escritor, aconselho que leia muitos livros”, ou então, “o que mais me ajuda a escrever é o contato que tenho com outros textos, a leitura farta e variada de livros”. Não é à toa que escutamos com bastante frequência essa resposta, pois sabemos que quanto mais

lemos, mais recursos obtemos para que possamos escrever nossos próprios textos, adquirimos mais vocabulário e aprendemos sobre o uso de expressões e de estilos de escrita.

Se desejamos escrever bem, e é o que a escola certamente deseja aos seus alunos, sempre procurando empenhar-se nesta tarefa, necessitamos, é claro, escrever e treinar nossa escrita. Mas, antes de tudo, precisamos ter repertório. Um grande e variado repertório de textos, proveniente de nossas leituras.

PARA LER É PRECISO ESCOLHER, PARA ESCOLHER É PRECISO CONHECER

A relação que o leitor estabelece com os textos depende daquilo que ele escolhe ler. Quais textos, que autores, que títulos em meio a tantos fazem sentido para ele e têm algo a lhe dizer? Pois bem, sabemos que para chegar aos textos, é fundamental que o leitor conheça – cada vez mais – títulos e livros que o levem às suas leituras e ideias. E isto vem com o conhecimento, com a leitura, com a intimidade com textos, autores, estilos e gêneros.

É justamente este um dos objetivos do guia: dar a conhecer uma série de títulos, oferecendo mais intimidade com a palavra escrita e possibilitando que o caminho por entre os livros comece a ser trilhado. Um aspecto importante da relação do leitor com os livros é a sua capacidade de escolha. E para escolher, é preciso conhecer, tendo acesso a títulos variados, a diferentes estilos e autores.

O QUE FAZER DEPOIS DE LER?

Se procuramos formar leitores que conheçam práticas reais de leitura, ao planejarmos as nossas rodas de leitura, é preciso que possamos levar todas as práticas a cabo. O que nós, leitores comuns, fazemos quando terminamos de ler algo que compartilhamos com outros leitores? Conversamos sobre o que lemos, releemos trechos de que gostamos mais, entre outras ações, não é mesmo? Dessa maneira, na escola, também é fundamental que os alunos aprendam a conversar sobre o que leram, a reler trechos mais significativos ou copiar frases em um caderno para

poder revisitá-las depois, a recomendar o livro a alguém. Esses são os comportamentos leitores de que já falamos. Nós praticamos costumeiramente essas ações porque são elas que fazem sentido depois de uma leitura. E são elas também que irão ensinar para as crianças o que é ser um leitor. Não se preocupe em tentar checar o quanto as crianças entenderam de uma história com atividades “escolares”, como o desenho, a dramatização ou exercícios de interpretação. Além disso, as impressões sobre o que foi lido deverão surgir na conversa, que deverá ser aprendida pelos alunos e

planejada pelo professor. Ninguém nasce sabendo o que dizer depois de uma leitura, nem mesmo o professor, é preciso praticar, conversar, pensar sobre a história para escolher o que falar aos outros leitores.

Neste momento da conversa após a leitura, o professor ou a professora pode perguntar aos alunos o que os encantou, divertiu e emocionou ao ler ou ouvir a leitura daquele livro, de que outras

histórias ou episódios da vida eles se lembraram, de que parte eles gostaram mais, como imaginavam o final, etc. É muito importante que o professor ou a professora possa propiciar conversas em que os alunos coloquem-se como leitores *de verdade*, que pensam sobre a história, que expressam opiniões pessoais, que imaginam outros enredos. Dessa maneira, os alunos aprenderão a conversar sobre a história, colocando-se como leitores ativos diante do texto que acabaram de ouvir.

E A "MENSAGEM" DO TEXTO? É IMPORTANTE TENTAR DESCOBRIR QUAL É?

Essa é outra abordagem muito comum na escola. Muitas vezes, os professores acham que devem ensinar algo aos alunos depois da leitura de um livro. Algo que possa ser edificante, que mostre comportamentos corretos aos alunos, o melhor jeito de ser, etc. Mas será que a função da literatura é essa mesma? Para que lemos ficção? O ser humano é sempre bom ou sempre sabe o que fazer, ou tem contradições, dúvidas, receios, medos; comete erros? E não é justamente buscando uma identificação que muitas vezes vamos ler? Muitos escritores dizem que a literatura mais pergunta do que responde, ou seja, sua função não é mostrar o certo, mas propor espelhamentos, reflexões, novas formas de olhar para o mundo e para si

mesmo. É como se pudéssemos perguntar a nós mesmos: é possível outra pessoa sentir o mesmo que eu? É possível viver de outra maneira, diferente da que eu escolhi?

Buscar uma mensagem ou moral do texto é uma herança antiga da relação da escola com a literatura infantil e juvenil, que em certa época, foi mesmo usada como apoio para a educação das crianças. Essa visão já passou, a literatura infantil mudou muito. Atualmente, o que a maioria dos escritores procura é falar com a criança sobre a sua experiência, desde a forma como ela vive, como pensa, o que deseja. Afinal, é para isso que a literatura existe em nossas vidas!



Ilustração de Pablo Mayer para o livro *O que há de África em nós*.



GUIA DE LEITURAS PARA OS PROFESSORES. O PROJETO BURITI E SEUS DESDOBRAMENTOS: MUITAS LEITURAS E LIVROS

BIBLIOTECA BÁSICA DO PROJETO BURITI

OS LIVROS NOS CONVOCAM DE DIFERENTES FORMAS E COM BASE NELES PODEMOS CONVERSAR E REFLETIR SOBRE MUITO DO QUE HÁ NA VIDA

A proposta deste guia de leituras é ampliar as relações que os alunos poderão fazer com o que estão aprendendo nas unidades do Projeto Buriti. Sugerimos alguns caminhos e conversas sobre os livros, bem como algumas atividades para serem realizadas em sala de aula, em diálogo com o material adotado pela escola, mas, de

forma alguma, as nossas sugestões esgotam a aproximação que tanto alunos quanto professores podem ter em relação aos livros. Como sabemos, o leitor é ativo e atribui sentidos e significados muito pessoais àquilo que lê e esta é uma das maiores riquezas que a literatura pode nos dar: um diálogo subjetivo e muito pessoal.

UMA HISTÓRIA PUXA A OUTRA: A LEITURA DE CONTOS, HISTÓRIAS, MEMÓRIAS, NOVELAS. A LEITURA DA VIDA.

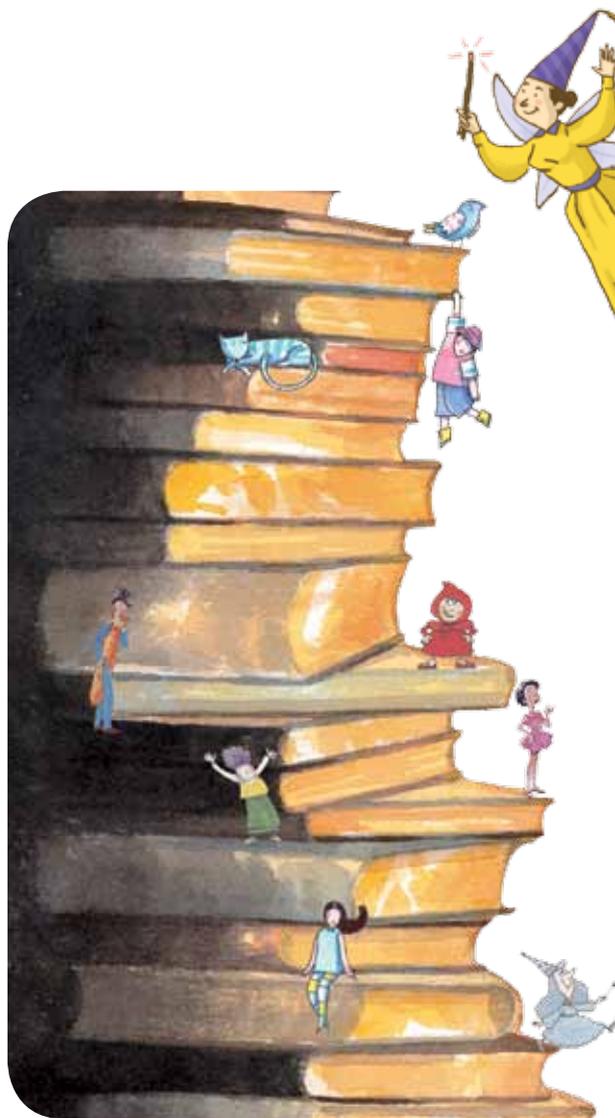
A FORÇA DA ORALIDADE: CONTOS DE FADAS, FÁBULAS E OUTRAS HISTÓRIAS TRADICIONAIS

Muitos teóricos da literatura infantil compartilham a ideia de que os textos destinados às crianças tiveram sua origem nas histórias provenientes de nossa tradição oral, que foram passadas através das gerações, como os contos de fadas, as fábulas, as lendas e os contos tradicionais. Essa teoria pode ser repetidamente endossada ao constatarmos influências dos contos, lendas e fábulas nas histórias escritas até hoje para o público infantil.

Não à toa, portanto, a leitura dessas histórias tradicionais faz parte do cotidiano escolar, desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental. Assim como os contos podem ser encarados como a base

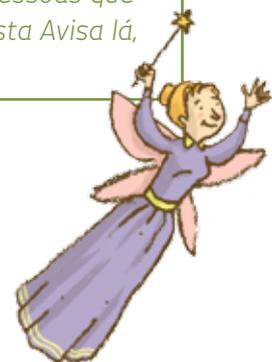
da literatura infantil, eles também podem ser vistos como a base do repertório literário das crianças, contribuindo para que, com base nessas histórias, as crianças sintam-se motivadas a buscarem outros textos.

Além disso, os contos de fadas e outras histórias tradicionais apresentam temas universais que não só resistem ao tempo como a diferentes culturas e países, agradando a crianças de lugares os mais variados lugares. Isto se deve à sua universalidade, ao fato de seus enredos trazerem questões e problemáticas inerentes ao ser humano: a disputa entre irmãos, a inveja das mulheres mais velhas



Finalmente, os contos e histórias tradicionais, por conta de sua origem oral, também nos permitem trabalhar a existência de diferentes versões, um importante aspecto da formação de leitores e escritores. No caso dos contos tradicionais, é uma premissa para a formação de leitores, uma vez que este é um fator inerente a tal tipo de texto.

A comparação de diferentes versões de um mesmo texto consiste, como se sabe, em uma prática usual entre os leitores e permite que escolhas individuais sejam feitas, bem como sejam feitas indicações para as pessoas que não conhecem. (Paula Stella, Revista Avisa Lá, número 25, jan. 2006).



em relação às jovens, a certeza de que na vida, precisamos passar por muitas situações difíceis até termos o nosso quinhão de paz, ainda que, diferentemente dos contos, esse seja provisório.

Os contos, justamente por trazerem temas universais, muitas vezes possuem enredos parecidos, apresentando histórias, personagens e passagens muito semelhantes, embora tenham a sua origem em lugares distantes. Este aspecto permite ao leitor estabelecer relações entre as histórias, comparando e agrupando temas e enredos. E saber estabelecer relações entre os textos é um aspecto muito importante na formação do leitor e na construção do trajeto de cada um junto aos textos literários.



Ilustrações de Eva Furnari, Claudia Scatamacchia, Avelino Guedes, Odilon Moraes, Leninha Lacerda, Fernando Pisani, Rogerio Borges e Lúcia Brandão para o livro *Literatura Infantil* e de Thiago Lopes para o livro *Almanaque dos contos de fadas*.

CONTOS DE FADAS

PARA O 1º ANO, INDICAMOS:

- *A BELA ADORMECIDA*, RECONTADO POR ELZA FIÚZA.
- *A HISTÓRIA DE RAPUNZEL*, DE AURÉLIO DE OLIVEIRA.
- *BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES*, DE FLÁVIA MUNIZ E ÁLVARO MUNIZ.

PARA DIALOGAR

Com a unidade 3 do material de **Língua Portuguesa, Eu imagino um castelo.**

Para as crianças do **1º ano**, nossa ideia é que possam estabelecer relações entre diferentes versões de histórias que já devem ser conhecidas do grupo. Partimos, dessa forma de três histórias bem tradicionais, muito presentes no cotidiano da maioria das crianças da Educação Infantil, portanto, das recém-chegadas ao ensino Fundamental.

Os livros aqui sugeridos fazem parte da **Coleção Clássicos Infantis**, que traz as histórias tradicionais recontadas em versos. As variações no modo de contar podem estar tanto no conteúdo de uma história, como na forma da narrativa, há os contos contados em prosa, como originalmente eram, mas também os contos contados em forma de versos. Certamente, ler duas versões, uma em prosa, outra em versos, fará com que as crianças percebam logo de cara as diferenças. Por que será que cada autor escolheu escrever em uma destas duas maneiras distintas? Como os leitores se aproximam das duas versões? É possível estabelecer um paralelo com a literatura de cordel, outra narrativa de origem oral e que, por ser contada em versos, permitia, por exemplo, que os contadores, muitas vezes analfabetos, pudessem decorar as histórias e reproduzi-las. Será que os alunos também experimentam essa relação com o texto em verso e em prosa? Ao propor uma atividade de reconto, o professor poderá verificar isso junto aos alunos: será que eles também experimentam maior facilidade com o conto escrito em versos? Por que será que isso acontece? Há também a possibilidade de o professor falar sobre outras importantes narrativas milenares que, por serem "cantadas" em verso, persistiram e foram sendo passadas adiante, através de gerações. Um exemplo importante é a "Odisseia" de Homero.

PARA REFLETIR: dá na mesma ouvir uma história em verso ou em prosa?



Outra característica dos contos contados de diferentes maneiras é conversar com as crianças sobre a supressão de partes da narrativa, inclusão de outras, ou ainda, de nomes dos personagens, referências aos tempos atuais, às situações ou expressões de nosso cotidiano.

PARA AS CRIANÇAS DE 6 ANOS, as narrativas em versos podem funcionar como importante apoio no reconto.

PARA O 2º ANO, INDICAMOS:



- *CONTOS DE ANDERSEN, CONTOS DE GRIMM E CONTOS DE PERRAULT, RECONTADOS POR WALCYR CARRASCO.*
- *CHAPEUZINHO VERMELHO, DE BRAGUINHA.*

PARA DIALOGAR

Com a unidade 9 do material de **Língua Portuguesa, Eu faço de conta.**

CONVERSE COM SEUS

ALUNOS: o que chama a atenção na forma como Walcyrr Carrasco escreve? Compare com outras **VERSÕES**.

Nos **Contos de Perrault**: leia "Pele de Asno" e compare com a história da Cinderela. Há algumas semelhanças? Há diferenças? Depois, amplie um pouco mais o repertório de seus alunos. Leia a história "Bicho de Palha", de Câmara Cascudo, presente no livro *Contos Tradicionais do Brasil*. Compare novamente com as duas histórias. Há confluências? Quais?

Para as crianças do **2º ano**, a ideia é ampliar um pouco mais o leque das histórias que eles podem ter acesso. Além de apresentar uma versão de **Chapeuzinho Vermelho**, que ficou imortalizada pelos versos e cantigas de Braguinha (ou João de Barro), também indicamos a leitura de três antologias escritas pelo autor Walcyrr Carrasco. Por tratar-se de antologias, o cardápio de histórias é bem variado. É possível fazer uma eleição das histórias que eles já leram aos

três anos. E retomar a importante discussão já disparada anteriormente sobre as formas variadas de se contar as histórias de tradição oral. Mas para essa faixa etária, também será importante ler novas histórias. E nisso, Walcyrr Carrasco foi muito generoso, pois escolheu desde os contos mais conhecidos até os que são menos lidos para as crianças. Para citarmos alguns exemplos, temos na antologia dos contos de Grimm, os contos: "O pescador, sua esposa

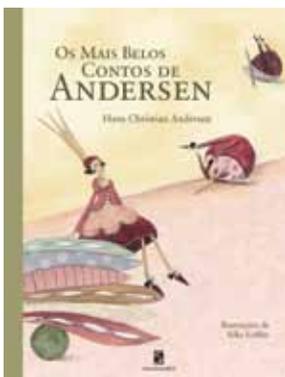
e o peixe mágico”; “Os sete corvos”, “Frederico e Catarina” e “O rato, o canário e a salsicha”, “Branca de Neve e Rosa Vermelha”? Será que seus alunos já ouviram falar dessas histórias? Conseguem fazer relações e estabelecer relações com outras histórias tradicionais? A **ampliação do repertório de histórias é parte fundamental do trabalho de formação de leitores**. Quanto mais lemos, mais elementos temos para nos

apropriarmos das histórias, para entendermos o que lemos, para desejarmos ler mais, para compreender as características de um gênero.

Como finalização da sequência de leitura dos contos, você poderá propor aos alunos que organizem uma antologia temática. Podem ser contos de princesas, contos desconhecidos de autores conhecidos, e por aí vai.

PROFESSOR

Não deixe de ler os prefácios escritos por Regina Zilberman, importante estudiosa da literatura infantil



PARA O 4º ANO, INDICAMOS:

- *OS MAIS BELOS CONTOS DE ANDERSEN*, DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN, TRADUÇÃO DE MARCOS MAFFEI.
- *CONTOS DE GRIMM*, TRADUÇÃO DE ANA MARIA MACHADO.

PARA DIALOGAR

Com as unidades 2 e 6 do material de **Língua Portuguesa**.



Seguindo a mesma linha de trabalho sugerido para a faixa etária anterior, a ideia é que os alunos possam fortalecer seu percurso de leitores de contos de fadas, ampliando o repertório de histórias conhecidas. Desta maneira, além de reler os contos mais conhecidos, apresente também para os alunos histórias menos comuns.

VOCÊ JÁ PAROU PARA PENSAR? Os irmãos Grimm recolheram centenas e centenas de histórias. Quantos contos você conhece desses autores? Por que será que conhecemos tão poucas histórias dentre um repertório tão amplo?

No caso do livro *Os mais belos contos de Andersen*, proponha a leitura das histórias “O isqueiro mágico”, “O companheiro de viagem”, “O baú voador”, “Os namorados” e “Pedro Palerma”. São histórias menos famosas de Andersen. No caso de “Pedro Palerma”, procure conversar com seus alunos se eles reconhecem alguns elementos que costumam estar muito presentes em contos

tradicionais, como a caracterização dos personagens: três irmãos, sendo que o caçula é o mais esperto, apesar de parecer o mais bobo e acaba vencendo os irmãos inteligentes. Discuta com eles: por que será que em muitas histórias, o caçula acaba levando a melhor? Há outras histórias semelhantes de que eles se lembram? Os contos tradicionais aproximam-se e afastam-se, repetindo enredos, personagens, mas também acrescentando novos elementos, aqui e ali, a depender do lugar em que foram contados ou recontados. Saber sobre essa característica é também conhecer mais um pouco sobre o gênero.

Embora, tenha escrito contos autorais, Andersen baseou-se em histórias tradicionais para escrever muitos de seus contos.

Escute o CD gravado por Ana Terra. A primeira faixa é dedicada à história de Andersen. Sua biografia dramática, de menino órfão de pai, que precisa sustentar desde muito cedo a sua família é muitas vezes associada a algumas de suas histórias, inclusive “O patinho feio”. Outras histórias de Andersen também possuem elementos de sua história pessoal. Depois de ouvir a narrativa de Ana Terra sobre a vida deste autor, leia a história “Companheiro de Viagem”. Há elementos semelhantes entre a saga do personagem João e Hans Christian Andersen, que aliás, possuem o mesmo nome próprio? Converse com seus alunos sobre isso.

Para a leitura dos quatro volumes de **Contos de Grimm**, recontados por Ana Maria Machado, sugerimos que você comece pelas histórias mais conhecidas (note que Ana Maria Machado inicia os livros com histórias mais famosas, depois segue com as mais desconhecidas, igualmente compiladas pelos irmãos Grimm). Converse sobre a versão que conhecem das histórias conhecidas e o texto de Ana Maria Machado. Há diferenças? Quais? Fale um pouco sobre o estilo da autora. O que chama a sua atenção no modo de ela escrever?

Em seguida, passe às histórias menos conhecidas. No volume 1, a história “Irmãozinho e Irmãzinha” possui algumas semelhanças com “João e Maria”, mas também muitas diferenças. Liste com seus alunos em que pontos essas histórias se aproximam, em que pontos se afastam. No volume 2, as “Três Penas” possui aspectos parecidos com “Pedro Palerma”, de Andersen. Quais seriam esses aspectos? Ainda neste volume, a história “Cotovia que canta e saltita” pode nos remeter a partes da conhecidíssima “A Bela e a Fera”. Busque as semelhanças com seus alunos. No volume 3, a história “O noivo ladrão” também nos remete em alguns aspectos ao conto “João e Maria”. Será que seus alunos conseguem identificar quais são esses aspectos? E, finalmente, no volume 4, a história “A senhora Holle” contém algumas semelhanças com a história de Cinderela. Em que essas duas histórias se parecem?

Depois dessas leituras e conversas, certamente todos terão muitos elementos para reconhecer importantes características dos contos, desde seus enredos à forma como terminam – utilizando-se do final feliz. Para encerrar essa sequência de leituras, você poderá propor a organização de antologias temáticas.

PARA IR ALÉM

O patinho feio e **Os três porquinhos**, de Laís Carr Ribeiro, **Contos de Perrault**, de Ruth Rocha, **A Bela e a Fera**, recontado por Elza Fiúza, **Almanaque dos contos de fadas**, de Alfredina Nery e Lourdes Atié.

CORDEL

Procurando estabelecer um diálogo com a literatura de cordel, o professor poderá fazer uma pesquisa com os alunos sobre as histórias semelhantes aos contos de fadas, que foram contadas em forma de cordel, histórias que falam de princesas, príncipes, casamentos, bruxas, enfim, que trazem para a cultura de cordel, elementos conhecidos pelas crianças de 8 anos, que já possuem um repertório razoável de contos de fadas.

Lendo a literatura de cordel, as crianças terão contato com muitas novidades: o formato do

folheto, a narração em versos chamados sextilhas, o vocabulário típico dessa linguagem, muito rico em imagens e detentor de um saber popular. A diversidade do vocabulário poderá levar a um trabalho interessante com as crianças: a elaboração de um dicionário de termos presentes na literatura de cordel, que possibilitará às crianças tanto um contato com o texto dicionário e o uso que fazemos dele, quanto com o significado de novas palavras e expressões.



PARA O 2º ANO, INDICAMOS:

- *O CACHORRO DO MENINO*, DE CESAR OBEID.
- *RIMAS ANIMAIS*, DE CESAR OBEID.

PARA DIALOGAR

Com a unidade 7, "**Eu gosto de animais**", do material de **Língua Portuguesa**.



Além da aproximação com o gênero cordel, a leitura desses dois livros também vai proporcionar diferentes desdobramentos em relação às conversas e intercâmbio entre leitores. Comece sempre perguntando quais foram as associações que os alunos fizeram com base na leitura, o que pensaram, do que se lembraram. No caso do livro **O cachorro do menino**, o texto poderá servir para despertar conversas sobre a tolerância com as diferenças, o cuidado com o outro, assuntos muito importantes para a convivência em grupo, que começa na escola e estende-se para todos os estratos e grupos sociais. Numa época em que a escola discute a questão da inclusão, precisando repensar seus modos de organização a fim de constituir-se numa escola para todos, o tema trazido por César Obeid também mostra-se bastante pertinente ao colocar o assunto entre os alunos.

No caso do livro **Rimas Animais**, há uma junção entre cordel e texto informativo, que se complementam no livro. É possível estudar por meio da ficção, da poesia e do cordel? Por que não? Desde que eles possam dialogar com o tema que os alunos estudam. Mas não deixe de atentar para as diferenças entre os tipos de texto. O que define um texto como o cordel? O que define um texto informativo? A partir daí, pode-se trabalhar com eles a escrita dos dois tipos de texto, definindo um tema comum para ser escrito em forma de cordel

e de texto informativo. Para seguir o trabalho de César Obeid, pode-se permanecer no tema dos animais e continuar dialogando com a unidade 7, do material de Língua Portuguesa.

O livro **Rimas Animais** pode ser relido na unidade 4, "Os animais", do material de **Ciências** para o **2º ano**.

PARA IR ALÉM

Rimas juninas e Rimas saborosas, de Cesar Obeid.

OUTRAS HISTÓRIAS TRADICIONAIS

Além dos contos de fadas, muitas histórias tradicionais permeiam a infância. Histórias de repetição, de acumulação, histórias que trazem os animais como personagens, como as fábulas, contos maravilhosos, como as histórias pertencentes à coletânea de **As mil e uma noites**, histórias de culturas variadas, mas que trazem

aspectos semelhantes, embora contadas em lugares tão distantes. Ampliar o repertório das histórias que circulam tanto em nosso país como em outras culturas pelo mundo é um elemento muito importante para a formação do leitor, já que o ajudará a expandir seu diálogo com leituras futuras, agregando-lhe conhecimento de mundo.

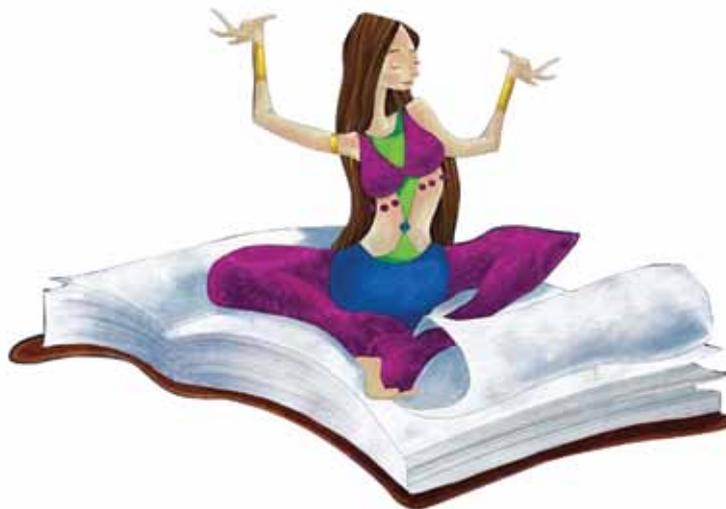


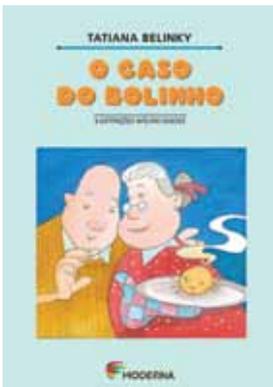
Ilustração de Alexandre Rampazzo para o livro *Histórias das mil e uma noites*.

PARA O 1º ANO, INDICAMOS:

- *ERA UMA VEZ... TRÊS!*, DE ROSANE PAMPLONA.
- *O CASO DO BOLINHO*, DE TATIANA BELINKY.

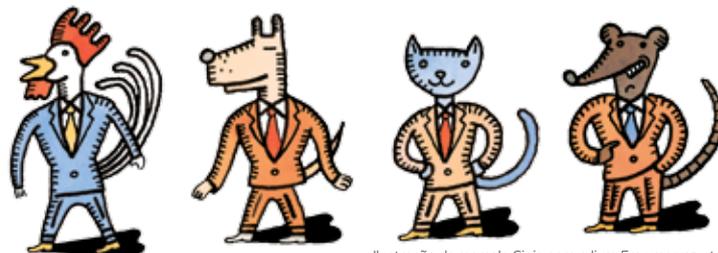
PARA DIALOGAR

Com a unidade 2 do material de
Língua Portuguesa do 1º ano

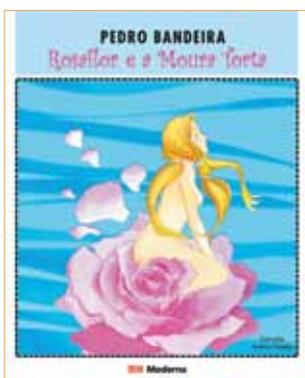


Assim como acontece em muitas histórias tradicionais, Tatiana Belinky nos traz um pequeno conto de repetição, com um bordão que surge diversas vezes ao longo do enredo, permitindo que a criança que está se alfabetizando possa prever o desenrolar da história, ganhando autonomia ao ler sozinha a história, apoiando-se nas palavras que já decorou, cuja escrita vai reconhecendo. Como um possível desdobramento dessa leitura, poderá ser proposta à turma uma reescrita coletiva, atividade na qual as crianças são autoras do texto e a professora atua como escriba e mediadora de questões importantes em relação à escrita: como começar o texto, quais palavras usar, em que situações a repetição de palavras é viável ou não. Sendo esta uma história que pode ser facilmente decorada pelas crianças, durante a reescrita, todos poderão se concentrar nas questões do texto propriamente dito, situação que propicia muitas reflexões sobre o processo de escrita e de revisão.

No caso do livro **Era uma vez... três!**, Rosane Pamplona traz uma seleção de histórias engraçadas e enroladas, além de algumas narrativas em forma de versos. Um livro feito para divertir e fazer imaginar. Depois de ler as histórias, você poderá propor um pequeno sarau em sala de aula, com grupos de alunos decorando uma delas para contar aos outros grupos. Por tratar-se de histórias tradicionais, nada como uma roda de histórias para compartilhá-las, ao modo antigo. Aproveite e explique para seus alunos que foi dessa forma que essas simpáticas histórias chegaram até nós: começaram por ser apenas contadas oralmente e depois foram escritas para que ficassem eternizadas. O propósito dessas histórias sempre foi divertir e fazer rir. E assim, conhecendo suas origens e vivendo o modo como serviram a muitos antes de nós, os alunos poderão desfrutar sua leitura como verdadeiros leitores que são.



Fábula vem de fabular, falar sobre a vida, conversar sobre o mundo. Ou seja, antes de querer ensinar o comportamento correto, as fábulas nos servem como reflexão sobre a nossa condição.



Ao invés da moral, o que essa história quis dizer para cada leitor? Como poderá servir para a sua reflexão sobre a vida?

PARA O 2º ANO, INDICAMOS:

- *ROSAFLOR E MOURA TORTA*, DE PEDRO BANDEIRA.
- *FÁBULAS DE ESOPHO*, DE RUTH ROCHA.

A leitura de diferentes histórias de origem oral serve tanto para ampliar o repertório dos alunos quanto para que possam comparar diferentes narrativas. Quais são as características de um conto de fadas, como esta história da Moura Torta e as fábulas, por exemplo? O que chama a atenção dos alunos logo de cara? O que há para dizer em termos dos personagens? Dos enredos? Dos finais? Por que será que nos contos de fadas, o final é na grande maioria das vezes, feliz, enquanto nas fábulas, não? Reconhecer diferenças entre as narrativas orais é um aspecto fundamental da formação de leitores e deve ser explicitado, cultivado e sistematizado como conhecimento da turma.

No caso do livro **Rosafior e Moura Torta**, Pedro Bandeira opta por recontar a história do seu jeito, como ele mesmo fala em sua apresentação. Você poderá conversar com seus alunos sobre o porquê de ele ter escolhido o rio como narrador da história. O que as águas de um rio nos fazem pensar? O que há de parecido entre o movimento das águas e as histórias tradicionais? Um aspecto de que poderão falar diz respeito ao fato de que, assim como a água de um rio que não para, os contos tradicionais seguem o curso da história, acompanhando o tempo, as gerações, modificando-se aqui e ali dependendo de quem as conta, mas persistindo. Ao final da leitura e dessa conversa, você poderá propor aos alunos: se eles tivessem que recontar uma história tradicional, que outro elemento da natureza poderiam escolher? O vento? As nuvens? Os pássaros?

Em se tratando das **Fábulas de Esopo**, é provável que os alunos do **2º ano** já tenham tido contato com este gênero. De qualquer forma, retome com eles a origem destas histórias, lendo para o seu grupo de alunos o texto do final do livro sobre Esopo. Depois de situar a história do autor e a origem deste tipo de narrativa, você poderá ler a epígrafe do livro escolhida por Ruth Rocha, uma frase de Umberto Eco¹: **“Os livros não são feitos para acreditarmos neles, mas para serem submetidos a investigações. Diante de um livro não devemos perguntar o que diz, mas o que quer dizer...”**. Antes de levar o livro para o grupo, reflita um pouco sobre essa frase. Por que será que Ruth escolheu justamente essa frase para um livro de fábulas? E por que será que a autora escolheu não trazer morais ao final de cada conto? Como essa frase e a escolha por não ter a moral podem se relacionar? Ruth Rocha decidiu deixar a interpretação por conta do leitor, sem que a moral respondesse diretamente o que a história queria dizer. Ao invés da moral, você poderá, ao final de cada narrativa, sugerir que os alunos formulem uma opinião sobre a história, procurando refletir sobre o que a história quis dizer para a vida deles, para eles, de que forma lhes serviu como reflexão sobre o mundo.

¹ Umberto Eco (1932) é um escritor, filósofo, semiólogo, linguista e bibliófilo italiano.

PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 9, **Eu faço de conta**, do material de **Língua Portuguesa para o 2º ano**.

PARA O 3º ANO, INDICAMOS:



- *CONTOS DE IRMÃOS*, DE ANA CAROLINA CARVALHO.
- *HISTÓRIAS DE DAR ÁGUA NA BOCA*, DE ROSANE PAMPLONA.

PARA DIALOGAR

Com a unidade 2, **Eu me lembro**, do material de **Língua Portuguesa do 3º ano**.

APROVEITE E CONVERSE COM SEUS ALUNOS: que outras histórias têm madrastas vilãs? Por que será que esse personagem se tornou tão comum? Segundo o historiador Robert Darnton, isso aconteceu porque na época em que essas histórias eram contadas, muitas mulheres morriam no parto, deixando filhos órfãos, que acabavam sendo cuidados por madrastas.



A leitura de **Contos de Irmãos** oferecerá aos alunos o contato com histórias muito parecidas entre si, e que também nos remetem a contos mais conhecidos entre nós, ainda que provenientes de lugares distintos. A confluência entre os temas dará aos alunos a dimensão da universalidade das histórias tradicionais: como será que podemos explicar esse fato de histórias parecidas terem surgido em lugares tão distantes entre si? Este é um aspecto muito intrigante dos contos tradicionais. E é o que seduz a maioria dos pesquisadores das histórias de origem oral, como aconteceu com o brasileiro Luís da Câmara Cascudo². Leia com seus alunos o prefácio da autora e discuta sobre esse elemento comum nas histórias tradicionais: a infinita variedade e a infinita semelhança que podemos encontrar nos contos, como também observou o escritor Ítalo Calvino³, em suas **Fábulas Italianas**. Em seguida, como um desdobramento da leitura deste livro, proponha a organização de uma antologia do grupo. Qual poderá ser o tema escolhido? Ana Carolina Carvalho



Ilustração de Eduardo Albini para o livro *Contos de irmãos*.

Luís da Câmara Cascudo (Natal, 30 de dezembro de 1898 — Natal, 30 de julho de 1986) foi um historiador, antropólogo, advogado e jornalista brasileiro, grande estudioso das manifestações culturais brasileiras.

2

Ítalo Calvino (1923-1985) foi um dos mais importantes escritores italianos do século XX. Escreveu romances, contos e foi o responsável pela antologia de contos tradicionais deste país, denominado *Fábulas Italianas*.

3

selecionou as histórias de irmãos, provenientes de lugares diferentes, como Angola, Portugal, Peru, Rússia, entre outros. E o grupo? O que elegerá para pesquisar? Qual é o interesse do grupo? Seguem aqui algumas sugestões: **histórias de encantamento; histórias de enganações; viagens e aventuras; bruxas, ogros e outros monstros.**

Definido o tema, o grupo terá de começar a realizar a pesquisa. Há livros suficientes na biblioteca? As versões são boas? Quantas histórias farão parte do livro? Defina também os papéis entre o grupo: quem será o editor, o ilustrador (poderá ter mais de um), o escritor (poderá ter mais de um) de cada história, o revisor ou revisores das histórias. Ao final, o livro deverá ser encaminhado para a biblioteca da escola, a fim de que possa ser lido pelo maior número possível de alunos e leitores reais.

A leitura de **Histórias de dar água na boca**, de Rosane Pamplona poderá ter muitos desdobramentos. Rosane Pamplona dialoga diretamente e em muitos sentidos com o tema da unidade em questão, “Eu me lembro”, já que parte de histórias e receitas de sua vida, que compartilha com o leitor, propondo também uma história ficcional, seja ela de origem oral ou inventada. Após a leitura deste livro, você poderá propor que os alunos pesquisem, em suas memórias ou em casa, algumas receitas de família, procurando trazer uma história que esteja relacionada a essa receita, vivida por eles ou por alguém conhecido. Em seguida, vocês poderão pedir ajuda à bibliotecária da escola: que história tradicional poderia “conversar” com a receita e história de cada aluno? Depois que cada aluno tiver a sua receita, sua história pessoal e a história tradicional escolhidas e escritas, monte um mural para toda a escola se “deliciar”.

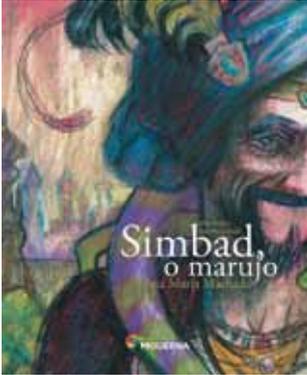
APROVEITE E CONVERSE COM SEUS ALUNOS:

quem é que se lembra de histórias que trazem quitutes em seus enredos?



Para conversar com os alunos: quais são as diferenças e semelhanças entre os **contos do Peru**, de **Angola e de Portugal**, que tanto lembram as histórias de **João e Maria**?

PARA O 4º ANO, INDICAMOS:



- *VOU-ME EMBORA DESTA TERRA, É MENTIRA EU NÃO VOU NÃO!* DE RICARDO AZEVEDO.
- *SIMBAD, O MARUJO*, DE ANA MARIA MACHADO.

PARA DIALOGAR

Com a unidade 1, **Eu sou esperto**, unidade 2, **Eu busco explicações**, e com a unidade 4, **Eu vou ao cinema**, do material de **Língua Portuguesa do 4º ano**.



No livro **Vou-me embora desta terra, é mentira eu não vou não!**, Ricardo Azevedo traz uma compilação de diferentes textos de nossa cultura, além de alguns autorais. São anedotas, contos populares, receitas culinárias, adivinhas e quadrinhas. Com a leitura, todos poderão ter acesso à tão importante diversidade literária, que é necessária para a formação dos leitores. Além disso, o próprio autor propõe atividades de escrita, que poderão ser feitas com os alunos do **4º ano**. Em uma delas, sugere alguns passos para a escrita de um conto de aventura. Em outra, uma brincadeira com a língua: como seria escrever a mesma história trocando todas as palavras? Leia as sugestões do autor e faça essa proposta com seus alunos.

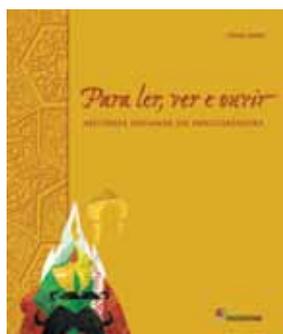
APROVEITE E CONVERSE COM SEUS ALUNOS: receitas, trovinhas, versinhos e até as piadas ou anedotas fazem parte de nossa cultura popular. Qual é a importância de serem registradas em livro, como fez Ricardo Azevedo?

Antes de ler a história de Simbad, o marujo para seus alunos, procure conhecer a história de Sherazade e do sultão Shariar. Compartilhe com seus alunos. É importante que conheçam a origem da história que vão ouvir ou ler.

A história de **Simbad, o marujo** faz parte dos contos árabes presentes na antologia das *Mil e Uma Noites*, que é formada pelas narrativas contadas por Sherazade ao sultão Shariar, como forma de adiar a sua execução, mas também de curá-lo de sua cisma com as mulheres. Por fazer parte da tradição oral, a história de Simbad guarda muitas semelhanças com este tipo de narrativa, desde a forma como relata a saga do herói, até a presença do fantástico e a circularidade do enredo, numa estrutura que se repete ao longo da história. No **4º ano**, os alunos já tiveram acesso a muitos contos da tradição oral, de forma que cabe uma comparação entre esses aspectos. Você poderá ter essa conversa antes ou depois da história. Se tiver antes, prepare uma breve síntese sobre a saga de Simbad para que seus alunos tenham elementos para a comparação com outras histórias. E eleja uma história conhecida do grupo para que eles estabeleçam a relação, lembrando-se de que terão mais elementos se tiverem onde se ancorar para buscar elementos comuns. Não se esqueça também de conversar sobre a epígrafe que Ana Maria Machado escolheu para

iniciar o livro, retirada de um poema de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa: **Chamam por mim as águas. Chamam por mim os mares. Chamam por mim, levantando uma voz corpórea, os longes. As épocas marítimas todas sentidas no passado, a chamar.** Você poderá voltar a ela depois

de ler a história. O que ela tem a ver com a história de Simbad? Por que será que depois de ter passado por tantos perigos e ter chegado são e salvo em casa, Simbad continuava se arriscando pelos mares? Escute a opinião dos alunos sobre isso.

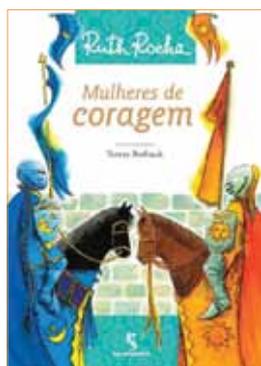


PARA O 5º ANO, INDICAMOS:

- *PARA LER, VER E OUVIR: HISTÓRIAS INDIANAS DO PANTCHATANTRA, DE CESAR OBEID.*
- *MULHERES DE CORAGEM, DE RUTH ROCHA.*

PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 3, **Eu entro em cena**, do material de **Língua Portuguesa do 5º ano**.



UM OLHAR PARA A INTERTEXTUALIDADE:

de que forma as histórias conversam entre si? Se os alunos tivessem de escolher uma história como inspiração para um conto de sua autoria, qual seria? Você poderá propor essa atividade, colocando seus alunos em cena como autores.

No livro **Para ler, ver e ouvir, histórias indianas do Pantchatantra**, César Obeid traz histórias indianas contadas de diferentes modos, diferentes linguagens inspiradas na embolada, no internetês, numa peça teatral, num roteiro de cinema, no rap, numa entrevista, na literatura de cordel, em quintilhas à moda limerique. Ao ler o livro com o grupo, você poderá explorar essas diferentes linguagens. Escolha uma delas para se aprofundar mais. Para os alunos de **5º ano**, poderá ser, por exemplo, uma peça teatral ou o rap. Proponha uma sequência de leituras ou de audição, se for o caso do rap. As atividades poderão se desenrolar em um mês, com uma ou duas leituras ou audições por semana, com o objetivo de fazê-los conhecer mais sobre essa linguagem.

No caso do livro **Mulheres de Coragem**, de Ruth Rocha, aproveite para trabalhar com seus alunos uma questão muito importante na formação de leitores: a intertextualidade, que é a criação de um texto com base em outro já existente. Na história **"A lenda da moça guerreira"**, por exemplo, é possível que os alunos lembrem-se do desenho animado de Mulan, que também contava a história de uma moça que ia para uma guerra, baseada num conto tradicional chinês. Na literatura brasileira, temos também a história de Riobaldo e Diadorim, contada por Guimarães Rosa no livro **Grande Sertão Veredas**. Os alunos não devem conhecer essa história, mas você poderá comentar com eles sobre como esse enredo atravessa diferentes culturas e tempos.



E por falar em intertextualidade, neste livro a ilustradora Teresa Berlinck também lança mão desse recurso ao fazer algumas ilustrações. Na página 32, por exemplo, há uma clara referência à tela **Saudade**, pintada pelo artista brasileiro Almeida Júnior⁴. Esta tela está disponível no *site*

da Pinacoteca do Estado de São Paulo⁵. Proponha uma visita ao *site* para seus alunos, observem o quadro, voltem à ilustração. Quais elementos se mantêm no desenho de Teresa Berlinck? Quais são transformados para que a ilustração se aproxime mais da história?

APROVEITE PARA CONVERSAR COM SEUS ALUNOS: por que será que, em geral, as histórias tradicionais, diferentes destas, trazem moças na pele de frágeis princesas que necessitam ser salvas por príncipes? De onde será que isso vem?

PARA IR ALÉM

Você diz que sabe muito, borboleta sabe mais!, **Cultura da Terra**, **Papagaio come milho**, **periquito leva a fama!** e **Você me chamou de feio, sou feio mas sou dengoso**, de Ricardo Azevedo. **Mitos e lendas brasileiros em prosa e em verso**, de Waldeck de Garanhuns, **Odisseu e a vingança do deus do mar**, de Ana Maria Machado, **Histórias de dar água na boca**, de Rosane Pamplona, **Malas aventuras**, de Pedro Bandeira, **Fábulas de Esopo**, de Ruth Rocha.

AS HISTÓRIAS QUE CONVERSAM COM OS CONTOS DE FADAS E OUTROS CONTOS TRADICIONAIS

Uma forma de os alunos se apropriarem dos contos de fadas e de outros contos tradicionais é evidentemente lendo-os ou ouvindo suas histórias lidas e contadas pelo professor. Outra maneira é se aproximar das histórias que, de alguma forma, dialogam com os contos de fadas, seja porque brincam com elementos comuns aos contos, seja porque se inspiram neles para a criação de outros

enredos. Nós sabemos que a literatura infantil e juvenil muito se espelhou nos contos, sendo contagiada pela presença do fantástico e do apelo ao imaginário, mas também usando do repertório tão conhecido pelas crianças para alçar outros voos, propondo que os leitores possam utilizar o que já sabem sobre as histórias para compreender novos enredos.

(1850-1899)

4

<www.pinacoteca.org.br>

5



Ilustração de Claudio Souza para o livro *O marquês dinamarquês*

PARA O 1º ANO, INDICAMOS:



- *O MARQUÊS DINAMARQUÊS*, DE CHRISTIANE GRIBEL E CLÁUDIO SOUZA.
- *PÊSSEGO, PERA, AMEIXA NO POMAR*, DE JANET E ALLAN AHLBERG.

PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 3, **Eu imagino um castelo**, do material de **Língua Portuguesa do 1º ano**.



A leitura do livro **O marquês dinamarquês** propiciará uma divertida brincadeira com o universo e a estrutura dos contos de fadas, por meio de rimas. Utilizando personagens comuns a essas histórias, a autora propõe um divertido “jogo das cadeiras”, trocando de lugar os possíveis casais, os personagens do mal, lançando mão de situações improváveis nas histórias. Esse recurso traz às crianças a possibilidade de questionar as histórias, de imaginar outros finais, outros encaminhamentos, colocando uma liberdade frente ao que há conhecido. A poesia também lança mão de estruturas textuais dos contos, como a presença do “Era uma vez”, por exemplo. Converse sobre isso com seus alunos: o que há de semelhante em relação aos contos de fadas? E o que há de diferente? Converse também sobre as ilustrações. Note como o recurso de reciclar objetos e materiais dialoga diretamente com a própria proposta do livro, que é justamente a de “reciclar” histórias.

Os dois livros sugeridos permitem que você converse com seus alunos sobre a relação que as ilustrações podem ter com a história.

No caso de **Pêssego, pera, ameixa no pomar**, a leitura deste livro com a sua turma ajudará na observação atenta das imagens, já que os alunos terão de localizar personagens famosos das histórias em meio às ilustrações. Além disso, com base no livro, você poderá selecionar as histórias que são mencionadas ao longo das páginas para contá-las aos alunos. A proposta aqui é que você possa planejar uma breve sequência de contos. Depois da leitura, procure fazer uma relação entre as histórias: onde se aproximam, onde se afastam? Quais delas fazem alusão direta à época dos castelos, tema estudado por seus alunos?

PARA O 2º ANO, INDICAMOS:

- O FANTÁSTICO MISTÉRIO DE FEIURINHA, DE PEDRO BANDEIRA.
- AS CARTAS DE RONROROSO, DE HIAWYN ORAM E SARAH WARBURTON.

PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 9, **Eu faço de conta**, do material de **Língua Portuguesa** do **2º ano**.



O que é preciso que os alunos saibam para que contem uma história por meio de cartas? Ter domínio do enredo; conhecer o gênero textual, saber para quem irão escrever e por quê, saber revisar o texto.

Por ser um livro mais longo, a proposta é que **O fantástico mistério de Feiurinha** seja lido em capítulos. A partir da leitura do livro, será possível conversar com as crianças se elas já imaginaram o que poderia acontecer com os contos de fadas depois do “viveram felizes para sempre”. Como teria sido a vida de Branca de Neve, Cinderela e Chapeuzinho Vermelho, por exemplo? Deixe a imaginação das crianças correr solta. Esta conversa deve anteceder a leitura, preparando os alunos para a história. Ao longo da leitura, que será dividida em capítulos, é interessante que você planeje algumas conversas com os alunos, explorando temas diversos, por exemplo: quem é o narrador dessa história? O autor é personagem também? Em geral, nos contos de fadas, o narrador é onisciente (sabe tudo o que acontece), mas não interfere na história, no enredo. E neste caso? Quem é Feiurinha? Será que essa é uma história inventada por Pedro Bandeira? Ela se parece com outras histórias tradicionais? Quais? Podemos inventar histórias a partir dos contos? Um autor que fez isso muito bem foi Andersen. Será que os alunos se lembram de alguma história escrita por ele?

Partindo da ideia de que os alunos do **2º ano** já possuem um bom repertório de contos de fadas, propomos a leitura do livro **As cartas de Ronroroso**. Utilizando um personagem comum nos contos de fadas, a bruxa, bem como algumas referências aos contos tradicionais, como “A princesa e a ervilha”, de Hans Christian Andersen, a história vai se desenrolando por meio de cartas. É possível, além de conversar sobre a relação do livro com os contos de fadas, ampliar as relações deste livro, abordando o gênero textual que é usado para contar a história. Quais são as características da carta? Quais são os elementos que encontramos nesse tipo de texto? Para que serve? Leve ao grupo outros exemplos de cartas, cartões-postais, e-mails. Um desdobramento possível em relação à leitura do livro: escolher uma história tradicional para ser contada por meio de carta a outro grupo da escola.

PARA O 3º ANO, INDICAMOS:

- O REIZINHO MANDÃO, DE RUTH ROCHA.

PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 2, **Eu me lembro**, do material de **Língua Portuguesa do 3º ano**.



O conto moderno **O reizinho mandão** traz elementos em sua estrutura textual que conversam com os contos de fadas. Quais são eles? Em primeiro lugar, note como a autora recorre a um aspecto que vem dos contos, ao reforçar a ideia de que essa história vem da tradição oral – uma história que meu avô contava. Aponte essa característica para seus alunos: embora os contos estejam hoje escritos, graças ao trabalho dos compiladores, em sua origem eles eram transmitidos oralmente. Em seguida, há algumas expressões que situam essa história em lugar próximo aos contos. Procure ver se os alunos reconhecem algumas dessas expressões: **há muitos e muitos anos... muito longe daqui... Nesse lugar tinha um rei...** Por outro lado, há elementos textuais que mostram que essa história é do nosso tempo. Quais seriam esses elementos? Há também a questão do narrador. Quem conta essa história? Será que seus alunos reconhecem a voz de uma criança?

Além desses aspectos textuais, há também a possibilidade de se conversar com as crianças a respeito de um tema que é muito caro a elas, que precisam conviver com a diversidade na vida e na escola: a convivência. Será que já viveram situações parecidas com a da história? Como diz o narrador, com amigos que querem mandar em tudo? Como se sentiram? Como lidaram com isso? Os livros podem nos ajudar a refletir também sobre as nossas vidas, sem oferecer respostas, mas sim outros modos de olhar aquilo que também experimentamos em nossas relações.



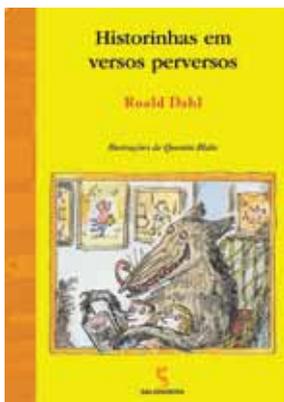
Ilustração de Walter Ono para o livro *O reizinho mandão*.

PARA O 4º ANO, INDICAMOS:

- *UM ANO NOVO DANADO DE BOM*, DE ÂNGELA-LAGO.
- *HISTORINHAS EM VERSOS PERVERSOS*, DE ROAD DAHL.

PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 6 do material de **Língua Portuguesa** do **4º ano**.



“Era uma vez, há muito tempo, na Terra de Santa Cruz...” Assim começa o texto de Ângela-Lago, numa referência clara à estrutura dos contos de fadas ou de encantamento. E as semelhanças não param por aí: a autora vai nos contar sobre as desventuras de quatro irmãs, quatro lindas princesas. Mas, elas não moram em castelos, e sim, em tribos africanas. E não lutam contra madrastas e nem esperam um príncipe encantado para salvá-las. Elas lutam contra a escravidão e esperam poder viver novamente juntas. Em um texto que possui elementos de suspense, mas também nos faz sonhar e fantasiar, Ângela-Lago conta um pedaço difícil de nossa história: o período em que havia escravidão no Brasil, nossa Terra de Santa Cruz.

Em **Um ano novo danado de bom**, Ângela-Lago dialoga com os contos de encantamento, trazendo uma nova visão para as nossas princesas e heroínas. A indicação vai para os alunos de **4º ano**, como mais uma possibilidade de fruição e de ampliação do repertório de histórias. Na linha do diálogo com os contos de fadas, o professor poderá convidar os alunos a estabelecerem as diferenças e semelhanças entre os personagens dos contos mais conhecidos e a história de Ângela-Lago. **A relação entre as histórias é um importante aspecto da formação de leitores.**

Propondo uma nova versão para os mais famosos contos de fadas, Road Dahl brinca e surpreende com novas e irreverentes saídas para as histórias, utilizando elementos atuais e construindo personagens com características bem mais ambíguas do que os contos de fadas tradicionais.

Os alunos do **4º ano**, por já possuírem um bom repertório e bastante conhecimento sobre os contos de fadas, já têm elementos suficientes para entender as sutilezas das histórias de Road Dahl, divertindo-se com as suas saídas e mudanças de “roteiro” nos contos.

Além de ler uma nova versão de contos já bastante conhecidos e de estabelecer relações e comparações com as histórias originais, os alunos podem ser convidados a pensar em elementos que gostariam de alterar ou acrescentar em um conto de fadas conhecido e escolhido para ser trabalhado pelo grupo. O que gostariam de mudar na história? O destino de uma personagem? O final do conto? Como escreveriam se fossem eles os autores? Como exercício, o professor poderá sugerir ideias: se fossem mudar a história da Rapunzel, por exemplo, como imaginariam

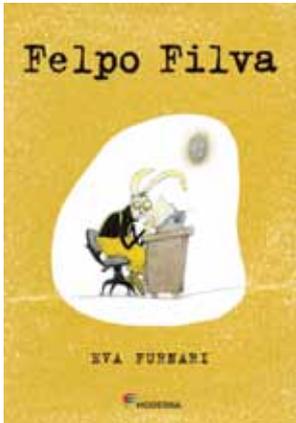
o destino da bruxa, que normalmente não é mencionado no conto original? E o final da história, como poderia ser diferente? Afora a elaboração de novas passagens no conto, a continuidade da atividade poderia ser a reescrita da história, agora com os novos elementos.

Na escolha da história a ser trabalhada com as crianças, um critério deverá ser considerado: o gosto e a pertinência do conto para o grupo, uma vez que esses aspectos são essenciais para a criatividade dos alunos. Caso haja possibilidade, o professor poderá sugerir outros contos para serem trabalhados no grupo, dividindo a sala, segundo a preferência dos alunos por cada história e acompanhando a reescrita de cada aluno. Ao final, pode-se pensar na elaboração de uma “antologia dos novos contos de fadas do **4º ano**” como produto do grupo para ser compartilhado com as famílias ou com outras classes.



Ilustração de Quentin Blake para o livro *Historinhas em versos perversos*.

PARA O 5º ANO, INDICAMOS:



- *FELPE FILVA*, DE EVA FURNARI.

PARA DIALOGAR

Com a unidade 8, **Eu faço a diferença**, do material de **Língua Portuguesa do 5º ano**.

Em que medida **Felpe Filva** conversa com os contos de fadas e outras histórias tradicionais? Além de propiciar o trabalho com as cartas, eixo principal da história e, cujas personagens principais são o “coelho escritor” Felpe Filva e uma de suas principais fãs, a coelha Charlô, o livro de Eva Furnari traz releituras de contos de fadas e fábulas. Uma possibilidade de trabalho após a leitura de **Felpe Filva** é a reescrita de fábulas e contos de fadas, com intervenção dos alunos nos enredos, ou seja, com a proposta de alterações de características de personagens ou fatos das tramas.

PARA IR ALÉM

Almanaque dos contos de fadas, de Alfredina Nery e Lourdes Atié. **O vestido luminoso da princesa**, de Ivan Ângelo. **Uni-duni-tê**, de Ângela-Lago. **Eu tropeço e não desisto**, de Giselda Laporta Nicolelis. **Camilão, o comilão**, de Ana Maria Machado. **Pêssego, pera, ameixa no pomar**, de Janet e Alan Ahlberg. **O livro das criaturas extraordinárias**, de Edith Nesbit. **Os Familiares, trilogia**.

HISTÓRIAS QUE PROVOCAM DIFERENTES EMOÇÕES

Como já dissemos por aqui, as histórias nos convocam de diferentes maneiras. Também buscamos os textos de acordo com aquilo que precisamos sentir, entender, com aquilo que precisamos, naquele momento, dialogar. Há fases em que queremos uma literatura mais profunda, reflexiva, que nos ajude a olhar para algo que estamos vivendo, que possa nos amparar, mostrando que situações de nossas vidas também

são experimentadas por outras pessoas (os personagens do livro, o próprio autor); noutros momentos, procuramos leituras mais leves, que nos divirtam, que possam nos entreter um pouco, sem grandes compromissos, ou então, uma literatura de suspense, que nos possibilite outras emoções. Saber onde encontrar aquilo que desejamos ler é também saber ser leitor e reconhecer os usos que podemos fazer da literatura.

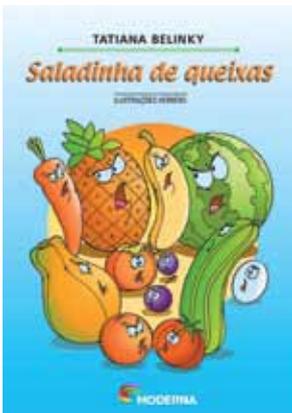
APROVEITE E CONVERSE COM SEUS ALUNOS:

será que sentimos sempre a mesma coisa quando lemos?

HISTÓRIAS QUE DIVERTEM

PARA O 1º ANO, INDICAMOS:

- *CADÊ O SUPER-HERÓI?*, DE WALCYR CARRASCO.
- *SALADINHA DE QUEIXAS*, DE TATIANA BELINKY.



PARA DIALOGAR

Nossas sugestões também podem dialogar com a Unidade 5, **Eu faço festa**, do material de **Língua Portuguesa (Cadê o super-herói?)** e com a unidade 7, **Comer... Comer...**, do material de **Ciências Naturais**.

O livro **Cadê o super-herói** deverá ser lido em capítulos para os alunos do **1º ano**. Comece conversando com a turma sobre os super-heróis. O que define esses personagens? Quais são os superpoderes que eles possuem? Será que algum de seus alunos já desejou ser um super-herói ou super-heroína? Se pudessem escolher, qual deles seria? Por quê? Comente que conhecerão a história de Tomé, um menino que sonhava ser super-herói. Será que ele vai conseguir? Essa conversa inicial é importante para colocar os alunos em contato com a história. Como a leitura será feita em capítulos, você poderá anotar as respostas, as hipóteses das crianças sobre a história em um quadro e, à medida que a história avançar, você poderá confrontá-las com o desenrolar do enredo.

A leitura de **Saladinha de queixas**, de Tatiana Belinky traz uma gostosa brincadeira com as palavras. A história fica entre a narrativa e o poema, já que o texto é escrito com rimas. Para os alunos do **1º ano**, que estão exercitando-se e refletindo o tempo todo sobre a nossa Língua, já que estão se alfabetizando, conhecer ou reconhecer que podemos usar as palavras com diferentes sentidos, apropriando nos de algumas características de certos objetos para atribuir sentidos a um estado de espírito, a um jeito de ser, a problemas da vida, pode ser mais uma descoberta interessante sobre os usos que fazemos de nossa Língua e sobre a maleabilidade da linguagem oral. Além disso, a leitura da **Saladinha de queixas** poderá ser feita na introdução da unidade **Comer... Comer...** de forma a apresentar o assunto dos alimentos ao grupo.

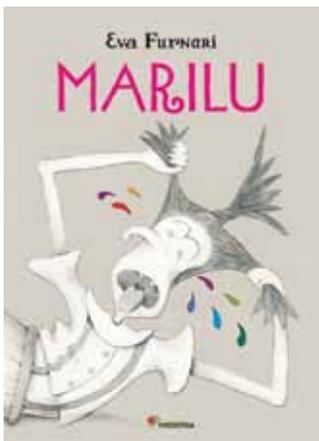
A leitura em capítulos exige retomadas constantes do enredo. Dessa maneira, os alunos vão se apropriando da história.

PARA O 2º ANO, INDICAMOS:

- *O GRANDE RABANETE*, DE TATIANA BELINKY.
- *MARILU*, DE EVA FURNARI.

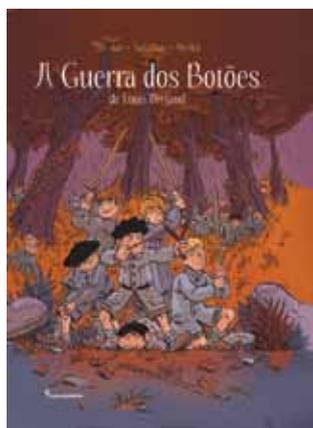
PARA DIALOGAR

Os livros aqui indicados podem dialogar com a unidade 4, **Eu conto e conto**, do material de **Língua Portuguesa (O grande rabanete)** e com a unidade 1, **A identidade e o jeito de cada um**, do material de **Geografia (Marilu)**.



A história "**O grande rabanete**" contada por Tatiana Belinky tem inspiração nos contos tradicionais de repetição. Por apresentar uma narrativa que repete situações sucessivamente, este livro pode ser um bom apoio para o reconto e a reescrita coletiva, em duplas ou individual, a depender do domínio de seu grupo em relação à escrita. No caso de optar pelo reconto, sugiro que o grupo possa recontar a história para outra turma, por exemplo, o **1º ano**. No caso da reescrita, não se esqueça da importância de se fazer um planejamento da escrita. Retome coletivamente a estrutura da história, a definição dos personagens, a ordem dos acontecimentos. Saber para quem vão escrever o texto também é fundamental: as histórias terão como destino outras turmas? Quais? A biblioteca da escola? O texto terá ilustrações? Ao longo do processo de escrita, os alunos devem ser ajudados a fazer revisões do próprio texto, um comportamento fundamental para qualquer escritor. Para ampará-los na revisão, leia antes o trecho que escreveram, pense onde é necessário melhorar, considerando aquilo que os alunos já sabem escrever e procure planejar intervenções que possam ajudá-los a refletir sobre a sua escrita.

Após a leitura do livro **Marilu**, de Eva Furnari, você poderá ter uma conversa com seus alunos sobre o que faz essa história ser engraçada. São as ilustrações? O texto? As expressões da personagem? Tudo isso junto? Além disso, você também poderá explorar a questão das cores. Por que será que na capa e em muitos momentos da história está tudo cinza? O que a cor cinza nos faz sentir? Como nos faz ver o mundo? Por que ao longo do livro, Marilu passa do cinza ao colorido? O que vai acontecendo com ela? Que tipo de transformação vai ocorrendo com a personagem? Quem são os responsáveis por essa mudança?



PARA O 3º ANO, INDICAMOS:

- *A GUERRA DOS BOTÕES*, DE LOUIS PERGAUD.
- *MINHAS FÉRIAS, PULA UMA LINHA, PARÁGRAFO*, DE CHRISTIANE GRIBEL.

PARA DIALOGAR

Os dois livros aqui sugeridos podem dialogar com a unidade 5, **Eu falo de mim**, do material de **Língua Portuguesa (Minhas férias, pula uma linha, parágrafo)** e com a unidade 1, **Ser cidadão**, do material de **História**.



Após a leitura de **Minhas férias, pula uma linha, parágrafo**, de Christiane Gribel, pode-se sugerir uma conversa a partir das experiências comuns das crianças na volta das férias: quais os sentimentos que estão em jogo? E no último dia de aula? A autora inicia o livro escrevendo:

O primeiro dia de aula é o dia que eu mais gosto em segundo lugar. O que eu mais gosto em primeiro é o último, porque no dia seguinte chegam as férias.

Os dois são os melhores dias na escola porque a gente não tem aula. No primeiro dia não dá pra ter aula porque o nosso corpo está na escola, mas a nossa cabeça ainda está nas férias. No último, também não dá pra ter aula porque o nosso corpo está na escola, mas a nossa cabeça já está nas férias.

É possível falar sobre muitas coisas nesse trecho, provocando muitas associações pessoais com a história. Quem é que já sentiu assim? Quem não se sentiu? O que acham do jogo que a autora faz com as palavras? O que faz o seu texto parecer ficar muito próximo do leitor? Será que é o jeito como ela escreve, como se estivesse conversando? É possível descrever tudo o que sentimos e vivemos nas férias numa redação escolar? Por que não? Será que todas as lições fazem sentido para os alunos? Há muita diferença entre o que o professor acha importante e o que os alunos querem?

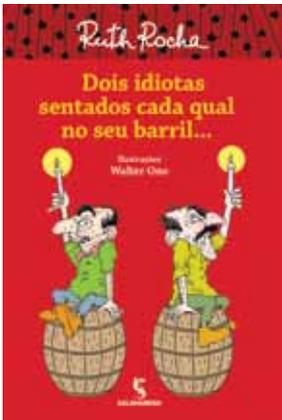
Se eles tivessem que continuar a redação do menino a partir da primeira frase: **Eu sempre adoro as minhas férias na casa do meu avô**, como prosseguiriam? Como imaginam que podem ser férias passadas na casa de um avô?

Já a leitura do livro em quadrinhos **A guerra dos botões**, de Louis Pergaud deve vir acompanhada de uma sessão do filme de mesmo título, dirigido por Yann Samuel⁶. Como a mesma história é contada nessas duas linguagens? O que se mantém? O que se altera? Como o texto é trabalhado no filme e no livro? Para essa discussão, você poderá selecionar o mesmo diálogo, transcrevendo algumas falas do filme. Será que as mesmas frases se mantêm? Por que há algumas alterações entre o livro e o filme?

⁶ **A guerra dos botões**, Yann Samuel, 2011, distribuidor: Imovision.

ALÉM DISSO, VOCÊ PODERÁ ESTENDER A CONVERSA PARA O TEMA DA UNIDADE 1 (HISTÓRIA): o que é ser um cidadão? Todos os cidadãos têm os mesmos direitos? O que a cidadania tem a ver com a diversidade? Com poder conviver com o diferente?

PARA O 4º ANO, INDICAMOS:



- *DOIS IDIOTAS SENTADOS CADA QUAL EM SEU BARRIL*, DE RUTH ROCHA.
- *O DIÁRIO DO LELÊ*, DE JOSÉ ROBERTO TORERO.

PARA DIALOGAR

São duas sugestões que podem dialogar com a unidade 8, **Eu tenho problemas**, do material de **Língua Portuguesa**. E que trazem a questão de modos muito diversos.

No caso do livro de Ruth Rocha, **Dois idiotas sentados cada qual em seu barril**, há uma semelhança com alguns personagens de nossa cultura popular. A história mesmo faz uma alusão a conto tradicional e reescrito por Ruth Rocha no livro **A galinha dos ovos de ouro e outras histórias...** O conto chama-se "Enquanto o mundo pega fogo". Nas duas histórias há elementos comuns, como a teimosia e o egoísmo. De que forma esses dois elementos estão presentes no livro aqui indicado? De que outra forma os dois idiotas poderiam ter resolvido o problema? Por que eles acham que começou? Há problemas reais e problemas inventados pelas pessoas? Será que conseguem elencar alguns exemplos? Se puder, leia também o conto de Ruth Rocha, "**Enquanto o mundo pega fogo**", e converse sobre as semelhanças entre esta história e a dos dois idiotas.



No caso de **O diário de Lelê**, José Roberto Torero vai descrevendo, a partir da voz da criança, a vida de um menino comum, que necessita lidar com problemas de seu cotidiano – uma operação de fimose, a separação dos pais, o contato com os namorados de cada um deles, etc. Em forma de diário e com uma linguagem muito próxima a de uma criança, o autor estabelece uma conversa direta com o público infantojuvenil. Procure discutir com os alunos sobre as características desse texto – o diário. É uma escrita pessoal, confessional – quando contamos algo muito particular. Trata-se do passado recente, mas passado, já que nos atemos às memórias do dia, da semana, etc. É escrito para que não nos esqueçamos do que vivemos, para dialogar com a gente mesmo. É um documento pessoal. Como um desdobramento, pode-se ter uma conversa sobre os problemas de Lelê, procurando sempre pontos de identificação com seus alunos, que poderá ser desde incentivá-los a falar sobre coisas parecidas pelas quais tenham passado, ou mesmo, o que fariam no lugar do personagem.

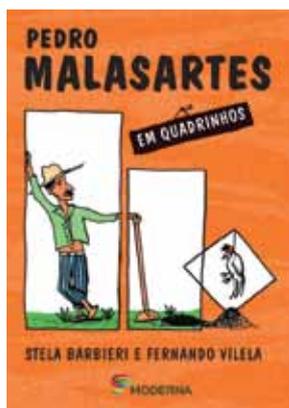
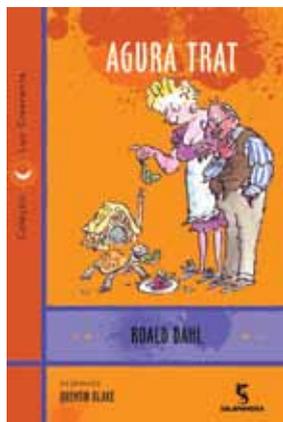
Você poderá incentivar o grupo a escrever seus próprios diários. E abrir um espaço na rotina do dia ou da semana para quem quiser compartilhar a escrita, lendo trechos para o grupo.

PARA O 5º ANO, INDICAMOS:

- *AGURA TRAT*, DE ROAD DAHL
- *PEDRO MALASARTES EM QUADRINHOS*, DE STELA BARBIERI E FERNANDO VILELA.

PARA DIALOGAR

As leituras indicadas podem dialogar com a unidade 1, **Eu me divirto**, e a unidade 4, **Eu me comunico**, do material de **Língua Portuguesa**.



No caso do livro **Agura Trat**, antes de começar a leitura propriamente dita, leia com os alunos a explicação que o autor traz sobre a história. É uma explicação que fala sobre os costumes de um povo, num dado momento histórico. Comente com os alunos que depois de lerem, retomarão essa explicação. Acham que ela é necessária? Por quê? Daria para entender a história se não houvesse essa explicação? Que elementos a explicação trouxe para o entendimento da história?

Por que esta história nos diverte? Levante com os alunos o que faz desta uma história engraçada. Depois que eles colocarem suas opiniões, leia o que diz o autor, Road Dahl, sobre isso, no final do livro. Será que seus alunos conseguem identificar esses elementos de que fala o autor no texto? Levante exemplos com eles.

Para a leitura do livro **Pedro Malasartes em quadrinhos**, inicie a conversa perguntando se seus alunos já ouviram falar sobre o personagem ou se lembram de alguma história.

Com base na leitura do prefácio, situem a origem do personagem. Em seguida, passe à leitura. Numa leitura de uma história em quadrinhos, é importante que todos os alunos – ou pelo menos, uma dupla – de alunos tenha um livro em mão, pois é fundamental que possam fazer a associação entre a imagem e o texto. Converse sobre isso com os alunos. De que forma se dá essa relação? Faça-os perceber que o texto do HQ, sendo bem mais enxuto, necessita da complementaridade do desenho. Sem a imagem, a história fica incompleta. Observe com eles que, no HQ, não há descrições extensas como no texto em prosa. As descrições de uma cena estão contidas na imagem. Essa é a característica fundamental dos quadrinhos.

PROPONDO UM TRABALHO COM RESENHAS

Indicar livros para outros é um dos comportamentos leitores que os alunos devem aprender. Muitas atividades podem ser feitas nesse sentido, como murais de leituras, marcadores de biblioteca com indicações literárias feitas pelos alunos e escrita de resenhas. Para os livros aqui indicados, sugerimos que o professor trabalhe com a escrita de resenhas. Como escrever um texto que conquiste outros leitores? Que os façam-se interessar pelos dois livros? Seguindo a ideia da diversão e do quanto consigo me comunicar com o outro, dialogando com o tema das duas unidades, proponha que os alunos levantem as principais características de

cada texto, o que mais lhes chamou a atenção e que não poderia, de jeito nenhum, ficar de fora num texto que se propõe a atrair leitores. Explique para eles o que é uma resenha, lendo um exemplo, que pode ser retirado de um jornal ou revista. Como esse texto é escrito? O que ele leva em conta para informar ao leitor sobre o livro? Traga outros exemplos para sua turma. Em seguida, comece o planejamento da atividade. Decida para quem a resenha será escrita, do que falarão no texto, quais informações são necessárias. A primeira escrita de um texto pode ser uma escrita coletiva, como já foi descrita nesse material.

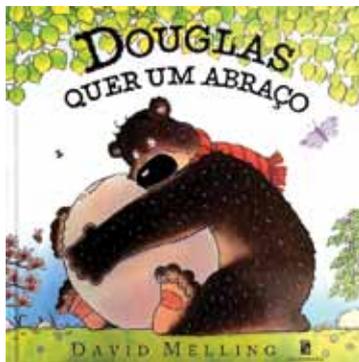
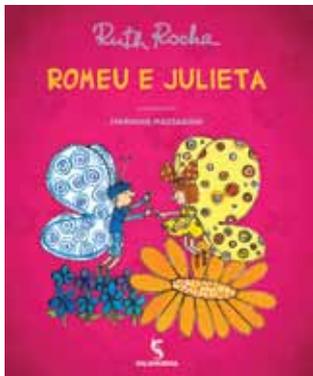


PARA IR ALÉM

Quando nasce um monstro, de Sean Taylor. **A velhinha maluquete**, de Ana Maria Machado. **Duas histórias muito engraçadas**, de Joel Rufino dos Santos. **Rumboldo**, de Eva Furnari. **A lagartixa que virou jacaré**, de Izomar Camargo Guilherme. **A história da sopeira e da concha**, de Michel Ende. **O barbeiro de Sevilha**, de Ruth Rocha. **Listas fabulosas**, de Eva Furnari. **Araújo e Ophelia**, de Ricardo Azevedo. **Pedro Malasartes em quadrinhos**, de Stela Barbieri e Fernando Vilela. **Nicolau tinha uma ideia**, de Ruth Rocha.

HISTÓRIAS DE AMOR E DE AMIZADE

Você conhece a história de Romeu e Julieta, escrita por Shakespeare? Como você contaria essa história aos seus alunos?



PARA O 1º ANO, INDICAMOS:

- *ROMEU E JULIETA*, DE RUTH ROCHA.
- *DOUGLAS QUER UM ABRAÇO*, DE DAVID MELLING.

PARA DIALOGAR

As duas sugestões de textos podem dialogar com a unidade 1, **Eu e os outros**, do material de **Geografia**.

A leitura de **Romeu e Julieta** deve ser antecedida por uma conversa sobre a origem dos nomes desses dois personagens. Por mais que se trate de uma peça destinada ao público adulto, devemos considerar que as crianças, desde muito cedo, podem e devem ter acesso aos produtos de nossa cultura. É dever da escola inseri-las na cultura, sem regatear ou omitir informações. Claro que a maneira como contamos uma história como a de Romeu e Julieta deve ser adaptada ao nosso público. Depois de decidir como contaria a história aos alunos e de contá-la em roda, faça uma exploração da capa. Será que eles podem imaginar do que vai tratar a história? Deixe que as hipóteses surjam livremente, mas procure fazer a relação da história de Romeu e Julieta com esta que eles vão ler, se esta relação não surgir espontaneamente. Após a leitura, retome a conversa anterior, comentando sobre aquilo que imaginaram e o que de fato aconteceu.

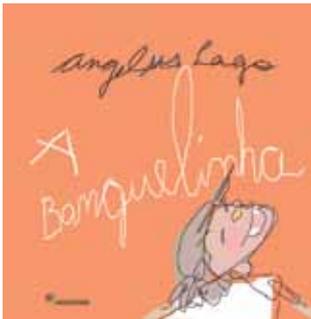
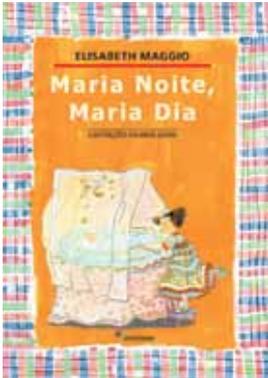
O livro **Douglas quer um abraço** pode ser lido no início do ano, servindo como uma parábola da entrada das crianças na escola, no Ensino Fundamental. E você poderá explorar essa sensação de novidade que as crianças provavelmente vivem com a mudança de nível escolar. O que é familiar a elas nesta nova etapa? O que se altera? A história é contada a partir de repetições na narrativa, o que permite que as crianças possam antecipar trechos, “prevendo” o que vai acontecer. É um livro que pode fazer parte do acervo de obras que vão ajudar as crianças a “lerem” antes de saber ler, justamente por conter esses apoios narrativos.

PARA O 2º ANO, INDICAMOS:

- *MARIA NOITE, MARIA DIA*, DE ELISABETH MAGGIO.
- *A BANGUELINHA*, DE ÂNGELA-LAGO.

PARA DIALOGAR

Os livros aqui indicados podem dialogar com a unidade 3, **Eu respeito os outros**, do material de **Língua Portuguesa**.



Em **Maria Noite, Maria Dia**, Elisabeth Maggio conta a história de duas irmãs, Maria Lia e Maria Luz, uma menina cega que mostra à irmã mais velha um jeito diferente de enxergar e sentir o mundo. Indicamos a leitura deste livro como uma ampliação das leituras da unidade 3, **Eu respeito os outros**, do livro de português do **2º ano**. Nesta unidade, são trabalhados os textos poéticos, semelhantes à escrita de Elisabeth Maggio, já que a autora adota o estilo de uma prosa poética.

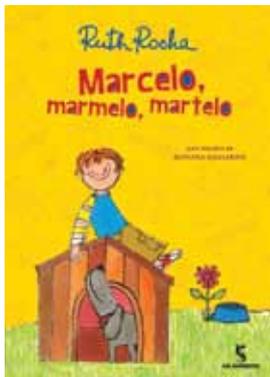
O tema abordado em **Maria Noite, Maria Dia** poderá instigar uma conversa em relação à forma que a nossa sociedade encara as deficiências em geral, e a deficiência visual em particular. Nessa conversa, os alunos também poderão conversar sobre como seria a experiência de alguém que vive num mundo que valoriza tanto os aspectos visuais, como acontece em nossa sociedade. Como eles imaginam que é a vida de uma pessoa que possui deficiência visual e quais dificuldades e preconceitos precisa enfrentar. A partir dessa conversa, além de pensarem sobre a organização de nossa sociedade, as crianças também terão a oportunidade de colocarem no lugar do outro, exercício fundamental para a alteridade.

A leitura do livro **A Banguelinha** pode abrir-se para muitas questões a serem tratadas com os alunos. Em primeiro lugar, quem é o narrador da história? Ele está fora ou dentro da história? Sabe de tudo o que acontece ou vai vivendo a história desde o seu ponto de vista, apenas? Quem é a Banguelinha? É uma menina? É um anjo? De que forma essa história toca na questão do respeito aos outros, das diferenças? De que maneira essa história fala sobre amizade?

Ao final do livro, há algumas palavras ditas pela autora que expressam algo fundamental sobre a construção do trajeto leitor: vamos conhecendo os autores e seus estilos à medida que vamos, cada vez mais, lendo as suas obras. Conhecendo o que pensam, como escrevem. Ângela-Lago dá uma dica que pode ser seguida por você. Depois da leitura de **A Banguelinha**, procure por outros livros da autora. Leia mais um e converse com o grupo sobre as duas histórias. O que há de parecido no jeito de a autora contar as histórias? Atente também para as ilustrações. O que eles podem perceber do traço de Ângela-Lago? Será que a leveza é o que lhes chama a atenção? Algo mais?

PARA O 3º ANO, INDICAMOS:

- MARCELO, MARMELO, MARTELO, DE RUTH ROCHA.



PARA DIALOGAR

A indicação pode dialogar com a unidade 3, **Eu me comunico**, do material de **Língua Portuguesa**.

A leitura de **Marcelo, Marmelo, Martelo**, um clássico da literatura infantil brasileira, escrito por Ruth Rocha, não poderia ficar de fora. O livro possui três histórias sobre crianças: "**Marcelo, Marmelo, Martelo**", que dá o título ao livro, "**Teresinha e Gabriela**" e "**O dono da bola**". Passando por dilemas e situações comuns à infância, como o questionamento sobre a origem das palavras e a inventividade infantil, a amizade e relacionamento com crianças diferentes e a aceitação das diferenças no grupo; a negociação que precisamos fazer para conviver com nossos semelhantes – questão que se coloca de maneira muito intensa na infância, apesar de perdurar pela vida; as histórias fazem com que as crianças possam refletir sobre a condição desses personagens, pensando indiretamente sobre si mesmas.

Como possui três contos diferentes, um modo de trabalhar o livro em sala de aula é dividindo os alunos por grupos leitores de uma determinada história, escolhida pelos próprios alunos, para que eles possam exercer esse comportamento do leitor de literatura, que escolhe o texto que vai ler a partir daquilo que imagina que vai encontrar em suas páginas. E para que as crianças conheçam outro modo de escolha dos livros ou textos, o professor poderá também sugerir um trabalho com resenhas das histórias.

Após a leitura, os alunos podem ser orientados a fazerem pequenas resenhas sobre a história, aprendendo a selecionar quais informações são mais importantes para constarem das resenhas, que poderão ser trocadas com os colegas, instigando-os a escolherem qual história do livro gostariam de seguir lendo. Em uma atividade assim estão envolvidos vários aspectos da formação de leitores: a leitura de uma resenha, a opinião sobre um livro lido, a escolha de uma próxima leitura a partir das informações obtidas na resenha crítica de outro leitor.

BRINCADEIRA COM AS PALAVRAS

No **3º ano**, as crianças já possuem bastante intimidade com a língua escrita e contam com um vocabulário relativamente extenso do português. As trocas propostas pelo personagem Marcelo, portanto, já podem ser exploradas com as crianças, que poderão recebê-las com humor, percebendo suas sutilezas. Dessa maneira, um desdobramento para a leitura também poderá ser uma conversa descontraída e animada sobre a origem das palavras e possíveis mudanças, segundo a lógica proposta por Marcelo.

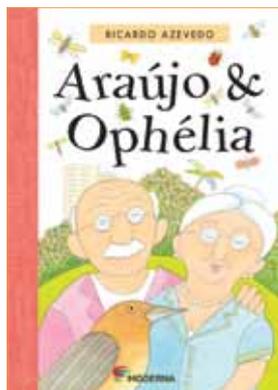


Outro fator possível de ser trabalhado a partir da leitura de **Marcelo, Marmelo, Martelo** é a **caracterização dos personagens** em um texto literário, aspecto fundamental para o desenvolvimento da competência narrativa dos pequenos escritores do Ensino Fundamental. Se o professor escolher seguir por esse caminho, uma sequência interessante poderá ser a seguinte:

- Discussão em grupo sobre a característica de cada personagem das histórias.
- Levantamento e escrita das características mais importantes dos personagens.
- Criação, em dupla, de personagens que poderiam contracenar com Marcelo, Teresinha, Gabriela e Caloca, personagem da última história.
- Elaboração e escrita de uma cena da história escolhida, com o novo personagem.
- Leitura para o grupo.



PARA O 4º ANO, INDICAMOS:



- *ARAÚJO E OPHELIA*, DE RICARDO AZEVEDO.
- *A HISTÓRIA DA SOPEIRA E DA CONCHA*, DE MICHEL ENDE.

PARA DIALOGAR

A leitura de **Araújo e Ophelia** poderá dialogar com a unidade 3, **Eu respeito a natureza**, do material de **Língua Portuguesa**. Já a leitura de **A história da sopeira e da concha**, de Michael Ende, é sugerida como uma ampliação do trabalho realizado com os alunos do **4º ano**, a partir da unidade 8, **Eu tenho problemas**, do material de **Língua Portuguesa**.



No caso do livro de Ricardo Azevedo, os personagens que dão o título ao livro, lutam pela preservação de uma praça e da árvore em que, há cerca de sessenta anos, quando ainda eram jovens e namorados escreveram seus nomes. Contra a ganância imobiliária representada pela construção de um Shopping Center, o livro de Ricardo Azevedo traz à tona questões bastante atuais, como a preservação do meio-ambiente, de um espaço que serve ao convívio de todos e da história de um lugar e das pessoas que se utilizam dele.

Além dessa conversa que nos parece um tanto atual e importante, a leitura de **Araújo e Ophélia** também poderá ter como desdobramento a organização de um debate, aproveitando o tema da unidade, que é “Eu respeito a natureza”. Nesta atividade, o professor poderá dividir a sala em dois grupos: um a favor da construção do *shopping* e o outro grupo contra, cada qual defendendo o seu ponto de vista, através de seus argumentos.

Com base na leitura de **A história da sopeira e da concha**, é possível realizar um trabalho com um aspecto central da estrutura dos contos de fadas, com suas narrativas tão conhecidas pelas crianças: a existência de um conflito central e a conseqüente resolução apresentada no final do conto. Após a leitura de **A história da sopeira e da concha**, pode-se levantar com os alunos qual é o conflito e a resolução encontrada pelo autor. Caso o professor avalie como pertinente, ele poderá também sugerir que as crianças pensem em outra possibilidade de resolução do conflito principal da história. Para tanto, poderá valer-se de outros exemplos de contos de fadas, arrolando outras possibilidades de finais e de resoluções para a história.

PARA O 5º ANO, INDICAMOS:

- *UMA PALAVRA SÓ*, DE ÂNGELA-LAGO.
- *BISA BIA, BISA BEL*, DE ANA MARIA MACHADO.

PARA DIALOGAR

As sugestões de leitura podem dialogar com a unidade 8, do material de **História, A ditadura militar**, e com a unidade 5, **Eu quero ser...** do material de **Língua Portuguesa**.



No caso de **Uma palavra só**, esta pode ser uma leitura que ajude a disparar uma conversa sobre a censura, que fez parte do período em que se instalou a ditadura militar em nosso país. Depois de ler a história, você poderá começar uma conversa sobre a atitude do rei de proibir o príncipe de falar outra palavra qualquer, com exceção de “exclusivamente”. Será que os alunos sabem o que está em jogo quando alguém proíbe que o outro se expresse com liberdade? Esta ação tem um nome: censura. Será que já ouviram falar dessa expressão? Em que imaginam que incide a censura? Em seguida, você poderá propor que a turma faça uma pesquisa sobre a censura nos meios de comunicação no Brasil e os modos que alguns veículos encontraram para driblar essa proibição (por exemplo, sabemos que alguns jornais, em especial **O Estado de S. Paulo** trazia receitas culinárias no lugar de notícias censuradas). Dê também o exemplo da literatura infantojuvenil: justamente por não estar na “mira” dos censores, este segmento de produção literária viu-se mais livre para trazer críticas ao governo. Um exemplo foi o livro **O reizinho mandão**, de Ruth Rocha. Ainda, se os alunos conhecerem a história, você poderá fazer um exercício de intertextualidade: como uma palavra só dialoga com **O reizinho mandão**? Quais são as semelhanças entre as duas histórias?

Já a leitura de **Bisa Bia Bisa Bel** poderá trazer muitos elementos para a discussão sobre a identidade de cada um, a partir de suas memórias. Você poderá propor a leitura do livro em casa, dividindo-o por partes a serem lidas e discutidas na escola, com toda a turma. Algumas questões poderão ser lançadas, de forma a trazer a questão da identidade, daquilo que nos forma e que se relaciona com os nossos antepassados. Por exemplo:

- De que maneira a história de nossas avós e bisavós pode estar presente em nossas vidas?
- As memórias de família, mesmo quando não as vivenciamos, podem também ser nossas?
- Aquilo que escolhemos ser, como escolhemos viver, só depende da gente, ou trazemos uma “bagagem” que nos ajuda a traçar nosso caminho?

Não deixe de registrar as conversas que vai acontecendo ao longo da leitura. Ao final, retome com eles as primeiras rodas de conversa sobre a leitura. O que sentiram que mudou após a leitura do livro? Como eles foram transformados por **Bisa Bia Bisa Bel**. Por fim, uma conclusão possível: aquilo que somos pode ser influenciado tanto pelas histórias pessoais que nos cercam, quanto pelas histórias que lemos e que dão sentido à nossa experiência, àquilo que pensamos e vivemos.



PARA IR ALÉM

Até passarinho passa, de Bartolomeu Campos de Queirós; **Alguém muito especial**, de Miriam Portela; **A minhoca da sorte**, de Ana Maria Machado; **O segredo da amizade**, de Wagner Costa; **Surpresa na sombra**, de Ana Maria Machado; **Ernest e Celestine perderam Simão**, **Bom dia, todas as cores!** de Ruth Rocha; **Coleção Chiclete**. 6 títulos; **O clube das irmãs**, 2 títulos; **Dente do Vampiro**, Coleção Rua do Berro.



Ilustrações de ??? para o livro *Araújo e Ophélia*.

HISTÓRIAS QUE NOS FAZEM SENTIR UMA PONTINHA DE TRISTEZA



PARA O 1º ANO, INDICAMOS:

- *ASAS DO JOEL*, DE WALCYR CARRASCO.

PARA DIALOGAR

A leitura de *Asas de Joel* poderá dialogar com a unidade 6, **Eu invento**, do material de **Língua Portuguesa**.

A história de Ícaro, inspiração para **Pedrinho**, um dos personagens do livro, faz parte da mitologia grega. Walcyr Carrasco conta sobre ela. Mas se desejar aprofunde-se mais no tema com seus alunos, fazendo uma pesquisa.

A partir de uma experiência vivida de fato, Walcyr Carrasco conta a história da amizade de Pedro e Joel, um menino especial. Partindo de uma história inventada no passado, pelos gregos, o autor também inventa um sonho para Pedro, que será compartilhado mais tarde pelo amigo Joel. Por ser escrita em primeira pessoa, a história convoca o leitor a identificar-se com os sentimentos do narrador, de uma forma muito direta. Por que será que este livro pode nos deixar um pouco tristes? O que há de triste nele? Será que seus alunos já viveram experiências semelhantes? O que fariam no lugar de Pedro? E da mãe de Joel? Por que será que o sonho, a invenção, foi capaz de unir os dois meninos? Com base na leitura, procure conversar com seus alunos sobre esses aspectos da história, deixando-se livre também para ouvir perguntas e comentários espontâneos, que partam dos alunos e de suas experiências.



Ilustrações de Jacqueline Velázquez para o livro *Asas do Joel*.



PARA O 2º ANO, INDICAMOS:

- *O MENINO E O PINTO DO MENINO*, DE WANDER PIROLI.



PARA DIALOGAR

O tema ligado ao cuidado pode relacionar-se também com o título da unidade 7 do material de **Língua Portuguesa**, "**Eu gosto de animais**".

Apostando na ideia de que as crianças do **2º ano** podem e devem ler textos mais longos a fim de que possam trabalhar a leitura em capítulos, a continuidade do texto e o ritmo de leitura, sugerimos o livro de Wander Piroli, **O menino e o pinto do menino**, que traz questões pertinentes ao crescimento das crianças: o tema da sexualidade e as transformações por que passam as crianças, com o luto da infância; além de outros aspectos presentes no texto, como a ética, o meio-ambiente e os cuidados com o outro, frutos de uma discussão sobre a pertinência de um pintinho em um apartamento.

Além destas questões, a frase de William Faulkner, utilizada como epígrafe do livro, pode desdobrar-se em uma atividade interessante para a formação de leitores das crianças. Será que elas sabem o que é uma epígrafe? Se não souberem, pode ser interessante explicar-lhes que muitos autores as utilizam como um mote para a história, como algo que expressa a ideia central de uma novela ou conto, por exemplo. Em seguida, pode-se sugerir que a leitura seja realizada para que, então, munidos do conhecimento sobre o que acontece no texto, possam refletir sobre a epígrafe.

PARA O 3º ANO, INDICAMOS:

- *ATÉ PASSARINHO PASSA*, DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS.



PARA DIALOGAR

A leitura deste livro poderá dialogar com a unidade 5, do material de **Língua Portuguesa**, **Eu falo de mim**.

Comece investigando o título com seus alunos. O que será que vai acontecer nesta história? Por que será que possui este nome **Até passarinho passa**? Investigue também sobre a capa. Quem será que conta esta história? Quais serão os personagens? Será que o livro vai falar sobre um passarinho que passou na vida deste menino desenhado na capa? Onde será que esta história

se passa? Depois dessas primeiras investigações, leia a 4ª capa com seus alunos. Pergunte a eles se entenderam sobre o que vai tratar a história. O que será o desencontro e o encontro de que o texto fala? Antes ainda de começar a ler, leia a epígrafe do livro: **Não conheço, além do imenso tempo, nada que tenha existido para sempre. Até o silêncio passa.** Reflita um pouco com o grupo: o que será que o autor quer dizer com essa frase?

Depois da leitura, você poderá propor uma conversa que ajude os alunos a falarem de si. Será que já

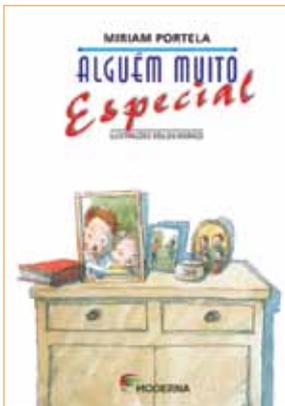
tiveram uma experiência de perda em suas vidas? Se quiserem, incentive-os a compartilhar com o grupo, trocar experiências, ouvir outras histórias dos colegas. Em seguida, você poderá também propor que essas histórias sejam contadas pelos alunos, numa narrativa breve, partindo de uma frase comum: **o que eu vou contar não existe mais.** Como seguir a partir daí? Combine com o grupo como deverá ser esse texto: uma escrita em primeira pessoa, que conte algo que aconteceu, uma experiência de perda. O pequeno conto deverá circular entre as crianças da sala.

PARA O 4º ANO, INDICAMOS:

- *ALGUÉM MUITO ESPECIAL, DE MIRIAM PORTELA.*

PARA DIALOGAR

A leitura poderá dialogar com a unidade 8 do material de **Língua Portuguesa, Eu tenho problemas.**

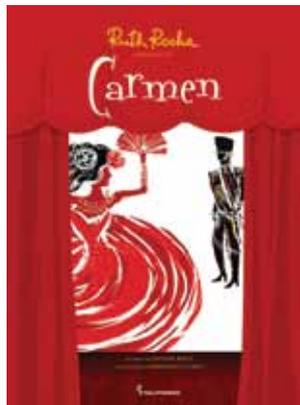


Em **Alguém muito especial**, quem narra a história é Tico, um garoto que relembra a chegada do tão esperado irmão, quando tinha apenas 5 anos. Tico percebe que seu irmão é diferente, mas não entende muito bem por que. Aos poucos, o menino vai encontrando um modo de se relacionar e de entender o jeito do **China**, como ele carinhosamente o apelida. Nas brincadeiras e em seus sonhos, Tico escuta a voz de China, o que o faz entender o irmão como alguém que fala para dentro e que possui um mundo muito particular. Aproveitando o tema desenvolvido na unidade 8 do livro de Língua Portuguesa do **4º ano**, cujo tema é **"Eu tenho problemas"**, o professor poderá propor que os alunos façam um relato de alguma situação de vida em que enfrentaram problemas, procurando depois escrevê-la, acrescentando passagens inventadas, se for necessário. O objetivo é que se possa trabalhar as narrativas pessoais, partindo de um aspecto muito singular e individual: os problemas de cada um.

Depois da escrita da narrativa do sonho, o professor poderá organizar um **Livro dos Problemas do 4º ano**, para deixá-lo na biblioteca da sala.

PARA O 5º ANO, INDICAMOS:

- *CARMEM*, DE RUTH ROCHA.



Ouça com seus alunos trechos da Ópera **Carmem**, de Georges Bizet, disponível no youtube.

PARA DIALOGAR

Com a unidade 3, **Eu entro em cena**, do material de **Língua Portuguesa**.

Será que seus alunos já ouviram falar de **Carmem**, a mais conhecida ópera de todo o mundo, como diz Ruth Rocha no início do seu livro? Comece a conversa com eles a partir da capa do livro. Por que será que os editores optaram por esse projeto gráfico? O que será que ele nos conta sobre a história que vamos ler? É provável que os alunos associem ao teatro, que é mais próximo do repertório deles. Proponha ao grupo uma pesquisa sobre a ópera, este gênero teatral que encena um drama, sempre acompanhado de música. Em seguida, faça um pequeno *tour* pelo livro, observando que ele traz elementos diferentes do livro de histórias ou contos. Como no teatro, há uma apresentação dos personagens e cada parte da história é dividida em atos. Após a leitura de cada ato, levante com os alunos as características do texto. Observe com eles como é preciso situar a história: onde ela se passa, o que se vê no palco, quem está no cenário, quais são as ações de cada personagem. O texto é todo muito visual, baseado nas ações, nos acontecimentos e na organização do cenário. É um texto para ser encenado, para ser visto. Não apenas para ser lido. Depois de toda a leitura, já que estamos lendo um texto teatral, você poderá sugerir a encenação de um ato pelos seus alunos.

PARA IR ALÉM

Os rios morrem de sede, de Wander Piroli; **Fugindo de casa**, de Suzana Dias-Beck; **Dias difíceis**, de Fanny Abramovich; **O diário do Lelê**, de José Roberto Torero; **Dois idiotas sentados cada qual em seu barril**, de Ruth Rocha; **Onde a lua e a montanha se encontram**, de Grace Lin.

HISTÓRIAS MISTERIOSAS

PARA O 1º ANO, INDICAMOS:



- *CADÊ MEU TRAVESSEIRO?* DE ANA MARIA MACHADO.

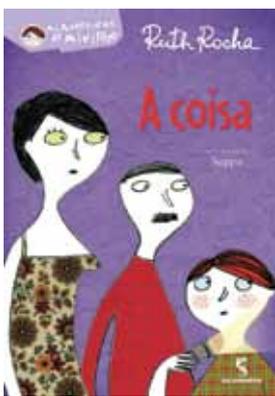
PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 2, **Eu brinco**, do material de **Língua Portuguesa**.

O espelho inspirou outras histórias conhecidas. Será que os alunos conhecem "**O caso do espelho?**" Este é um conto popular que encontramos em muitas culturas. Um dos autores que reescreveu essa história foi Ricardo Azevedo. Leia e compare com seus alunos: de que diferentes maneiras o espelho surpreende os personagens nos dois casos?

Numa estrutura textual que lembra muitos os contos tradicionais de repetição e com cantigas populares "escondidas" no texto, o mistério da história está em descobrir onde está o travesseiro de Isadora. Além desse mistério a ser desvendado, há também outra brincadeira que pode ser feita: descobrir em quais cantigas estão alguns trechos da história. A cada descoberta, você poderá escrever a cantiga inteira e organizar um mural, com os alunos, das cantigas encontradas.

PARA O 2º ANO, INDICAMOS:



- *A COISA*, DE RUTH ROCHA.

PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 5, **Eu sou curioso**, do material de **Língua Portuguesa**.

Um dos desdobramentos da leitura do livro **A coisa**, de Ruth Rocha pode ser uma conversa sobre os medos de cada um. Do que temos medo? Será que todos os medos que temos estão fora da gente? Ou há medos de coisas que inventamos? Exageramos em alguns casos? Como é isso de colocarmos nossos medos em alguns objetos, barulhos que ouvimos, etc.? Deixe que os alunos falem livremente sobre seus medos, e proponha também identificações com o texto, perguntando-lhes o que eles fariam no caso de ser um dos personagens da história. Teriam coragem de descer até um porão velho e escuro?

PARA O 3º ANO, INDICAMOS:



- *FANTASMA SÓ FAZ BUUU!*, DE FLÁVIA MUNIZ.

PARA DIALOGAR

Para ser lido junto com a unidade 6,
Eu tenho medo, do material de **Língua Portuguesa**.

Como sugere o título, o livro traz uma história de assombração. Pelo fato de as histórias de assombração terem uma forte incidência no imaginário popular, entre os causos e as lendas, uma possibilidade de trabalho decorrente da leitura, poderá ser uma pesquisa entre os alunos sobre os causos mais conhecidos entre as famílias, funcionários da escola ou outros adultos de seu convívio. Durante o trabalho com as histórias de assombração, a classe poderá ouvir alguns os alunos que desejem ser “contadores de causos”. Para tanto, deve-se planejar uma agenda de contadores, a fim de que todos os que desejem tenham o seu momento de história.

PARA O 4º ANO, INDICAMOS:

- *FACA AFIADA*, DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS.



PARA DIALOGAR

Para ser lido junto com a unidade 8,
Eu tenho problemas, do material de **Língua Portuguesa**.

Antes de começar a ler para seus alunos, ou antes de eles começarem as suas leituras, você poderá perguntar sobre o que acham que vai tratar a história. Depois de fazer um levantamento dessas hipóteses feitas a partir o título e da ilustração da capa, sugira que os alunos leiam a 4ª capa. Será que o que imaginaram que fosse acontecer estava correto? Em seguida, passe a leitura. O texto de Bartolomeu Campos de Queirós é construído com uma prosa bastante poética, em que ele lança mão de muitas metáforas para transmitir ao leitor a sua história. É uma marca do autor. Converse sobre isso com seus alunos e procure alguns exemplos dessa escrita poética, como as seguintes construções: **trazia os olhos embrulhados de desânimo e fadiga; retirou do bolso da calça a carteira engraxada de tempo**.

Em se tratando do conteúdo do texto, observe com seus alunos que trata-se de uma história de suspense. Leia primeiro até a página 20. Quem será assassinado? De que imaginam que os pais estejam falando? Depois de levantar as hipóteses,

leiam a história até o final. Identificaram-se com o personagem principal? Pensaram como ele? Ou imaginaram outra história? Comente sobre a construção do texto de suspense, que precisa criar um clima de tensão para envolver o leitor na história.

PARA O 5º ANO, INDICAMOS:

- *UM CASO PARA MISTER X*, DE SONIA SALERNO FORJAZ.

PARA DIALOGAR

A sugestão de leitura de **Uma caso para mister X**, de Sonia Salerno Forjaz vem atrelada à unidade 7 do livro de **Língua Portuguesa** do **5º ano**, **Eu busco pistas**.



A partir do livro de Sonia Forjaz, pode-se levantar com os alunos, mediante a leitura das três histórias do livro, quais são os momentos de clímax de cada uma delas. O clímax é uma característica típica dos contos de mistério e suspense.

Uma outra possibilidade de trabalho com a classe é a divisão do grupo de acordo com as 3 histórias do livro. Os três grupos poderão ainda ser divididos em duplas e, em seguida, pede-se que leiam a história escolhida. Como a autora resolve o enigma em uma parte separada do texto da história, denominada de "**Mister X falando**", pode-se pedir que os alunos proponham uma solução do enigma antes de lerem esse trecho final de cada história. Desta maneira, todos estarão trabalhando com um aspecto importante na elaboração das histórias de mistério, que é a proposta e solução de enigmas.

PARA IR ALÉM

Três noites de medo, de Rosana Rios; **Um caso para mister X**, de Sonia Salerno Forjaz; **Um detetive muito louco**, de Nilton Tornero; **O segredo do violinista**, de Eva Furnari; **O selvagem**, de Walcyr Carrasco; **Frankenstein**, de Ruth Rocha.

AS HISTÓRIAS E AS CRIANÇAS

HISTÓRIAS QUE AJUDAM A CRIANÇA A FALAR DE SI MESMA

PARA O 1º ANO, INDICAMOS:

- *MAIS RESPEITO, EU SOU CRIANÇA!* DE PEDRO BANDEIRA.
- *A MENTIRA CABELUDA*, DE PEDRO BANDEIRA.

PARA DIALOGAR

As leituras dialogam com a unidade 1, **Eu tenho um nome**, e a unidade 6, **Eu invento**, do material de **Língua Portuguesa**.



O livro de poemas de Pedro Bandeira procura abordar o universo da criança, a partir de uma ótica infantil. Também se prestando a um trabalho com as poesias, **Mais respeito, eu sou criança!**, poderá estar presente em atividades ou momentos durante o **1º ano** que procuram tratar das questões da infância, inspirando conversas sobre temas como o crescimento, a relação com o mundo adulto, brinquedos e presentes, a relação com o melhor amigo, com o medo e os sonhos.

Já **A mentira cabeluda** pode convidar os alunos a falarem sobre situações que vivem em grupo, em especial na escola. Um gancho possível para iniciar a conversa poderá ser: será que já vivemos situações em que fizemos algo de que nos arrependemos? Atente para o fato de que neste livro de Pedro Bandeira, ao invés de ser punido, o menino que fez algo "errado" tem a chance de se arrepender e voltar atrás. Não se trata, portanto, de ser totalmente bom ou totalmente mau, mas humano. Uma literatura que acolhe as questões humanas é uma literatura que acolhe o leitor, suas fragilidades e capacidades, suas certezas e incoerências.

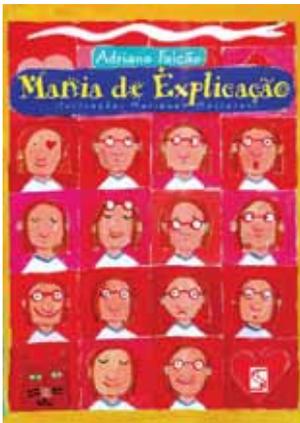
PARA O 2º ANO, INDICAMOS:

- *MANIA DE EXPLICAÇÃO*, DE ADRIANA FALCÃO.
- *SÉRIE TODA A CRIANÇA DO MUNDO*, DE RUTH ROCHA.

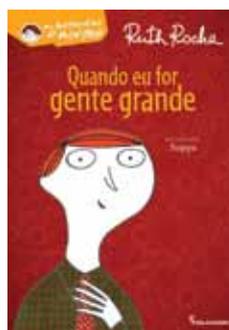
PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 5, **Eu sou curioso (Mania de Explicação)** e com a unidade 3, **Eu respeito os outros (Série Toda a criança do mundo)**.

Em seu livro **Mania de Explicação**, Adriana Falcão procura definir palavras como: preocupação, angústia, vontade, desilusão, culpa, perdão, autorização, entre outras. Como diz a escritora Rosa Amanda Strauss, trata-se de uma espécie de dicionário poético das coisas inexplicáveis. Palavras que fazem parte do cotidiano da criança e que são apresentadas de um jeito que elas podem entender, sentir, pensar sobre o que são. Um jeito de ler **Mania de Explicação** com seu grupo é selecionar algumas palavras iniciais, aquelas que você achar que seu grupo pode compreender bem. Escolha algumas para ler com eles e conversar em roda sobre a definição da autora. Depois, proponha uma brincadeira: escolha mais uma palavra e peça ao seu grupo para tentar definir ao modo da Adriana Falcão. Um desdobramento poderá ser a criação de um dicionário das coisas inexplicáveis, expandindo o rol de palavras para além daquelas contidas no livro.



No caso dos livros da **Série Toda Criança do Mundo**, os temas que estão presentes nas histórias tratam de questões que fazem parte da vida da criança, que estão muito próximas a elas, como o crescimento (**Quando eu comecei a crescer**), a subordinação da criança ao mundo do adulto (**Quando eu for gente grande**), os desejos (**A menina que aprendeu a voar**) e as disputas infantis (**Você é capaz de fazer isso?**). Enfim, temas que podem render boas conversas entre as crianças, buscando que elas se coloquem como protagonistas na conversa.



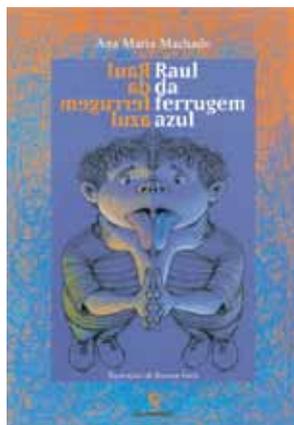
PARA O 3º ANO, INDICAMOS:

- *AS AVENTURAS DE ANA CLARA*, DE LUÍSA NÓBREGA.
- *RAUL DA FERRUGEM AZUL*, DE ANA MARIA MACHADO.



PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 2, **Eu me lembro (As aventuras de Ana Clara)** e a unidade 3, **Eu expresso sentimentos (Raul da Ferrugem Azul)** do material de **Língua Portuguesa**.



Repare com seus alunos como a autora, **Luísa Nóbrega**, tem um olhar “microscópico” para os encontros, as descobertas e as perdas.

No caso do livro **As aventuras de Ana Clara**, a sua leitura poderá ter muitos desdobramentos. Por tratar-se de uma unidade que fala da memória, a primeira relação que podemos levar para os alunos é entre a ficção e a lembrança. Será que a forma como nos lembramos das coisas que vivemos tem um pouco de invenção? Será que conseguimos lembrarmo-nos exatamente do que nos aconteceu, ou sempre procuraremos colocar algo de nós na forma como desenhamos nossas lembranças? Outro desdobramento possível poderá ser uma roda de objetos significativos (também podemos chamar de objetos biográficos) para as crianças. A atividade poderá funcionar assim: peça aos alunos que escolham um objeto realmente importante para elas (não vale celulares, objetos eletrônicos, que costumam ser mais descartáveis). Objetos que tenham uma história de afeto envolvida, objetos que estão com as crianças há bastante tempo. Realize algumas rodas para que todos consigam compartilhar a sua história com aquele objeto.

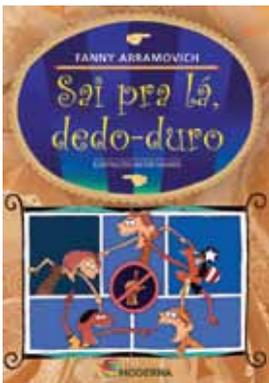
Em **Raul da Ferrugem Azul**, Ana Maria Machado toca em muitos aspectos que conversam com o tema da unidade **Eu expresso sentimentos**. Preconceito, submissão, diversidade religiosa, conflitos entre colegas. A partir da história de Raul, há muitas possibilidades de conversa entre as crianças: será que já viveram situações em que tiveram de fazer calar algum sentimento, como a raiva? O que aconteceu? Como lidaram com isso? Por que será que Ana Maria Machado escolheu a imagem da ferrugem para falar dos problemas de Raul?

PARA O 4º ANO, INDICAMOS:

- O *ÁLBUM DA CATARINA*, DE JOSÉ ROBERTO TORERO.
- *SAI PRA LÁ DEDO DURO*, DE FANNY ABRAMOVICH.

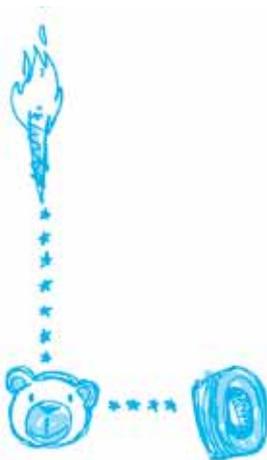
PARA DIALOGAR

As duas indicações podem dialogar com a unidade 2, **Eu busco explicações**, do material de **Língua Portuguesa**.



Em se tratando da leitura de **O álbum da Catarina**, pode-se sugerir que os alunos tragam – caso tenham – seus álbuns de infância, livro em que os marcos dos primeiros cinco anos são anotados. **O álbum da Catarina** é construído numa estrutura muito parecida com estes álbuns do bebê. A partir de sua leitura, os alunos poderão escolher um dos marcos de sua infância – o primeiro passeio, o primeiro aniversário, os melhores amigos e desenvolver uma narrativa, ao estilo de um diário, como fez José Roberto Torero, na pele de seu personagem, Lelê. Converse com seus alunos que, embora partindo de um acontecimento real, alguns aspectos ficcionais também poderão entrar em cena.

No caso de **Sai pra lá Dedo Duro**, de Fanny Abramovich, são as questões de relacionamento entre os colegas que poderão ser abordadas numa conversa com a turma. Além disso, pelo fato de o livro ter em seu título uma expressão popular, dedo duro, pode-se também expandir a conversa para esse tema: quais são as outras expressões criadas pelas pessoas para definir alguns comportamentos? Por que dedo duro (deixe que eles levantem as hipóteses, só depois fale, se não surgir, que o dedo duro é aquele que aponta o que o outro fez de errado)? E quais seriam outras expressões? Por exemplo: pão-duro, João--sem-braço, Zé ninguém... Dessa forma, o livro também dialoga de outra maneira com o tema da unidade, **Eu busco explicações**.



PARA O 5º ANO, INDICAMOS:



- *UMA COR SÓ MINHA*, DE RICARDO CHAVES PRADO.
- *BEM DO SEU TAMANHO*, DE ANA MARIA MACHADO.

PARA DIALOGAR

Para ler junto com a unidade 8, **Eu faço a diferença (Uma cor só minha)** e a unidade 9, **Eu defendo uma opinião (Bem do seu tamanho)**.



A consagrada escritora Ana Maria Machado traz para seu livro **Bem do seu tamanho** os questionamentos que as crianças podem fazer ao discurso dos adultos. Helena, a personagem principal, começa a se questionar a respeito de seu tamanho, pois vive escutando dos adultos que é muito pequena, ou muito grande para certas coisas. Afinal, qual é o seu verdadeiro tamanho? Acompanhada de seu Boi de Mamão, do amigo Tipiti e de Flávia, segue em sua jornada a fim de descobrir de que tamanho é. Discutindo a lógica adulta, mexendo com ditados, brincando com as palavras e invertendo discursos, Ana Maria Machado faz Helena perceber que o tamanho é relativo, bem como o que desejamos em relação a ele: às vezes é bom ser pequeno, outras vezes, o que queremos mesmo é ser grandes. Bem ao gosto da problemática infantil em torno do mundo controlado pelos adultos.

A novela **Bem do seu tamanho**, por ser um texto mais longo, permite uma leitura em capítulos, bastante indicada para o trabalho com os alunos do **5º ano**. Uma opção ao trabalhar a leitura do texto é o espaço destinado à leitura pessoal, em que cada um dos alunos segue o seu ritmo próprio. A partir da leitura pessoal, pode-se ensinar às crianças um comportamento leitor importante, que é a conversa a partir da leitura: o que cada um achou do texto, o que os fez pensar, o que acharam das personagens ou será que sentem-se, às vezes, um pouco como a Helena, sem saber se ainda são pequenos ou se já são grandes? Por que acham que as crianças se sentem assim? Todas essas podem ser perguntas disparadoras para uma discussão sobre o texto e para pensar sobre as questões trazidas pela autora, que estão bastante relacionadas com o tema da unidade 9, **"Eu defendo uma opinião"**, do livro de Língua Portuguesa do **5º ano**. **Essa é uma situação de leitura compartilhada, um importante contexto para a formação do leitor.**

No caso de **Uma cor só minha**, a questão das diferenças poderá ser abordada a partir da problemática do personagem Francisco, que nos conta, por meio de uma narrativa confessional, na escrita de seu diário, como se descobriu e como lidou com o fato de ser daltônico. Quais outras diferenças nós podemos encontrar e ter de lidar em nossas vidas? O pai de Francisco, em uma conversa com o filho lembra-se de dois músicos geniais, Beethoven e Ray Charles. Um desdobramento dessa leitura poderá ser uma pesquisa sobre outros artistas que conviveram com diferenças. Como lidaram com isso? De que forma podemos realizar essa pesquisa? Com quais fontes? Estabelecendo uma relação com a escrita confessional, sugerimos a leitura de algumas biografias, que são textos que também utilizam da memória e da vida pessoal para contar uma história, tais como o diário. Dessa maneira, os alunos se aproximam tanto do tema quanto do gênero do livro **Uma cor só minha**.

PARA IR ALÉM

Quando eu crescer, de Ana Maria Machado; **Não é justo!** de Sue Graves; **Os direitos das crianças**, de Ruth Rocha; **O diário do Lelê**, de José Roberto Torero; **Clube das irmãs**, de Megan McDonald; **Foi assim...** de Bartolomeu Campos de Queirós; **Série Quem tem medo?** de Ruth Rocha; **Por enquanto eu sou pequeno**, de Pedro Bandeira.



A CRIANÇA E SUA FAMÍLIA



PARA O 1º ANO, INDICAMOS:

- *PAPAI É MEU!*, DE ILAN BRENMAN.

PARA DIALOGAR

Para ler junto com as unidades 1, **Eu e os outros**, dos materiais de **Ciências, Geografia e História**.

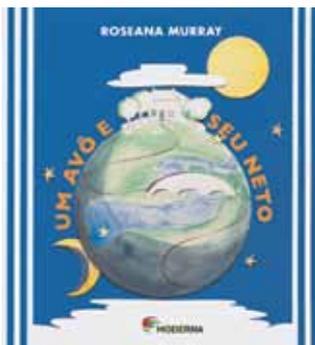
Acompanhando um conflito típico da infância, o ciúme entre irmãos, o livro de Ilan Brenman, poderá desdobrar-se em uma divertida conversa com o grupo, tanto sobre o tema que traz (o amor e o ciúme que temos de nosso objeto amado, às vezes queremos que ele seja só nosso!) quanto sobre a situação um tanto absurda – será possível “rasgar alguém ao meio”? – que ele traz e que as crianças dessa idade costumam adorar, justamente por confundir e brincar com o real e a fantasia, algo ainda indistinto para essa idade, às vezes, misturado, às vezes mais separado.

PARA O 2º ANO, INDICAMOS:

- *UM AVÔ E SEU NETO*, DE ROSEANA MURRAY.

PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 3, **Eu respeito os outros**, do material de **Língua Portuguesa**.



A leitura de **Um avô e seu neto** poderá se desdobrar numa atividade em que os alunos recolham as memórias de seus avós. Eles poderão montar juntos um roteiro de entrevista com o avô ou a avó. O que o menino da história sabia sobre a história do seu avô? O que eles poderão querer saber sobre a história de seus avós? Será que conhecem aspectos de sua infância? De onde vieram? O que seus pais faziam? Como era a vida em seu tempo? A sua escola? A sua cidade? Enfim, componha coletivamente com seu grupo um roteiro de entrevistas e depois compartilhe os resultados numa caixa ou mural de memórias. Sem que você precise diretamente falar com seus alunos sobre a necessidade de respeitar os outros, escutar e conhecer a história de alguém já traz esse olhar para a alteridade, para a valorização da história de outro alguém.

PARA O 3º ANO, INDICAMOS:

- *O SEGREDO DA XÍCARA COR DE NUVEM*, DE SONIA BARROS.



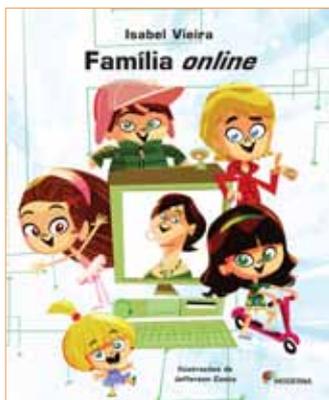
PARA DIALOGAR

Para ler junto com a unidade 2, **Eu me lembro**, do material de **Língua Portuguesa**.

Qual será a história que certos objetos guardam? Quais são os objetos biográficos de nossas vidas, ou seja, aqueles que guardamos com afeto porque nos fazem lembrar de pessoas queridas, acontecimentos importantes e significativos? A partir da leitura deste livro, pode-se pedir que as crianças tragam esses objetos significativos (delas ou de alguém próximo), pedir que compartilhem com o grupo a história desse objeto e depois a escrevam. Ao final, uma exposição com os objetos e os textos de cada um poderá ser montada na escola.

PARA O 4º ANO, INDICAMOS:

- *FAMÍLIA ONLINE*, DE ISABEL VIEIRA.



PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 5, **Eu conheço meu cérebro**, do material de **Língua Portuguesa**.

A partir da leitura de **Família online**, muitos aspectos da contemporaneidade poderão ser abarcados em várias conversas com as crianças. São eles: de que forma a internet pode aproximar as pessoas? Como as nossas relações foram modificadas pela internet? O que acontece nesse livro que não seria possível sem a internet? Será que eles conseguem imaginar como seria a vida sem a internet? Perguntem aos pais como era a sua vida antes do e-mail, das redes sociais. Como faziam para se comunicar com quem estava distante?

Em se tratando da diagramação do livro, pode-se perguntar aos alunos: por que será que partes do texto vêm em balões, como na história em quadrinhos? Que relações o HQ pode ter com a tela do computador? Se eles não responderem, atente para a estreita relação com a imagem que um e

outro podem ter.

PARA O 5º ANO, INDICAMOS:

- *DESVENTURAS DE IRMÃO MAIS VELHO*, DE JUDY BLUME.

PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 3, **Eu entro em cena**, do material de **Língua Portuguesa**.



Em **Desventuras de um irmão mais velho**, a escritora norte-americana Judy Blume nos apresenta Peter Hatcher, o protagonista da história que narra suas próprias desventuras. É o tipo do livro que atrai e encanta meninos e meninas, que poderão facilmente identificar-se com o garoto que conta a história, já que essa é narrada em primeira pessoa seguindo, portanto, a visão do protagonista.

Por tratar-se de um livro cujo texto é mais longo, sugerimos organizar a sua leitura em capítulos pelos alunos do **5º ano**. Para tanto, o professor poderá combinar previamente os capítulos a serem lidos até determinado momento, retomando a história a partir do reconto e de uma conversa sobre a opinião que as crianças têm da história. É possível também procurar estabelecer paralelos com a vida de cada um, já que **Desventuras de um irmão mais velho** retrata o cotidiano de uma criança, seu relacionamento familiar, sua visão do mundo adulto.

Caso o professor considere adequado, poderá propor que seus alunos escrevam narrativas pessoais a partir de um fato vivido, inspirados no jeito de Judy Blume escrever (na pele de Peter Hatcher). Depois da escrita do texto, o professor poderá organizar um pequeno sarau para que as crianças leiam suas produções aos colegas. Na elaboração das narrativas pessoais, o professor poderá também levantar características passíveis de estarem presentes no texto a ser produzido, por exemplo, o humor.

PARA IR ALÉM

Bisa Bia Bisa Bel, Ana Maria Machado; **Fugindo de casa**, Suzana Dias-Beck; **Meu pai e eu**, Carlos Brito; **Quando meu irmãozinho nasceu**, Walcyr Carrasco.

A CRIANÇA E OS ANIMAIS



PARA O 1º ANO, INDICAMOS:

- *O COELHINHO QUE NÃO ERA DE PÁSCOA*, DE RUTH ROCHA.

PARA DIALOGAR

Para ler junto com a unidade 2, **Eu brinco**, do material de **Língua Portuguesa**.



O que será que pensaria um coelho? O que ele pensaria sobre a sua tarefa de entregar ovos durante a páscoa? Será que todos os coelhos gostariam de fazer a mesma coisa? E nós? Gostamos de fazer a mesma coisa? Do que cada criança gosta de brincar? De que animais cada criança gosta? Há quem não goste de bichos? Há quem tenha medo, por exemplo? A partir da leitura deste livro, é possível uma conversa sobre a identidade de cada um, seus gostos e preferências, um tema importante para crianças que estão constituindo-se como grupo e aprendendo a conviver.

PARA O 2º ANO, INDICAMOS:

- *FALA, BICHO!* DE SILVANA TAVANO.

PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 7, **Eu gosto de animais**, do material de **Língua Portuguesa**.

Como será o ponto de vista dos animais? Como será que eles veem o mundo? As pessoas? As coisas? A partir da leitura de **Fala, Bicho!**, você poderá propor este exercício aos alunos, de sair um pouco de si e imaginar como seria o pensamento de um animal. Além dos exemplos trazidos por Silvana Tavano, o grupo também poderá criar um texto coletivo de outro animal, imaginando o que ele pensaria do mundo.

Além disso, outra possibilidade de abordagem do livro é comparar a escrita de ficção e de não ficção, já que o livro traz também alguns textos explicativos sobre os animais. Quais são as características de cada texto? Podemos aprender com o texto de ficção? Podemos imaginar com o texto de não ficção?



PARA O 3º ANO, INDICAMOS:

- OS BICHOS QUE TIVE, DE SYLVIA ORTHOF.

PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 2, **Eu me lembro**, do material de **Língua Portuguesa**.

Com humor, Sylvia Orthof escreve contos sobre os bichos que teve ao longo da vida. Entre bichos reais ou inventados, Sylvia traz para o universo da criança uma memória cheia de afeto sobre sua própria infância. Reforçando o trabalho com as narrativas em 1ª pessoa, escrita de diários e descrições pessoais propostas na unidade 2, “**Eu me lembro**”, do material do **3º ano**, indicamos a leitura de **Os bichos que tive**, com a escrita de contos narrados em primeira pessoa.

Além de oferecer mais um texto que trabalha a narrativa pessoal, os contos de Sylvia Orthof também permitem lançar um foco sobre aquilo que pode inspirar a criação de histórias, neste caso, a própria relação da autora com os seus bichos, as cenas e os fatos vividos com eles.

Ao final do livro, o leitor encontrará dois pequenos depoimentos sobre o livro, escritos por Sylvia Orthof e Gê Orthof, ilustrador e filho da autora. A partir do texto de Gê, pode-se ter mais um exemplo de onde vêm as histórias, pois o ilustrador nos conta sobre a origem de uma delas, cujo tema Sylvia retirou de uma experiência vivida pelo próprio filho, reinventando-a em forma de conto. Com a leitura de “**Bicho Papão da Minha Imaginação**” e do depoimento do ilustrador, pode-se discutir com os alunos sobre a origem das histórias, sobre as alterações que o escritor poderá realizar ao contar um fato, para que este fique mais instigante para o leitor.

A partir dessa conversa com os alunos, o professor poderá estimulá-los a escrever a sua própria história, com base em um acontecimento vivido por cada um ou até mesmo pelo grupo. E, ao final, poderá propor uma leitura de algumas histórias entre os alunos.

PARA O 4º ANO, INDICAMOS:

- *UM CACHORRO PARA MAYA*, DE ROSEANA MURRAY.



PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 9, **Eu colaboro**, do material de **Língua Portuguesa**.

A partir da leitura de **Um cachorro para Maya**, converse com seus alunos sobre a inspiração para as histórias. De onde será que elas vêm? O que usamos, daquilo que vivemos para contar uma história? A autora Roseana Murray parte de uma história pessoal, contada por um amigo, para escrever o livro. Será que se trata, então, de ficção? Qual será a fronteira entre o que é inventado e o que é vivido? Comente com seus alunos que esta é uma das grandes questões da literatura. Outra possibilidade de desdobramento dessa leitura é pensar numa história que seus alunos tenham vivido com animais. Que relação foi esta? Pode ser um bicho de verdade ou não. Um brinquedo, um bicho de pelúcia. Peça que eles relatem essa história em roda, depois ela poderá ser passada para o papel, propondo um exercício de pequenas narrativas pessoais com histórias de animais.

PARA O 5º ANO, INDICAMOS:

- *UM GATO CHAMADO GATINHO*, DE FERREIRA GULLAR.



PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 1, do material de **Língua Portuguesa**, **Eu me divirto**.

Acreditando que as crianças podem sentir-se fascinadas por bichos, indicamos **Um gato chamado gatinho**, do poeta Ferreira Gullar, com ilustrações de Ângela Lago. A partir de sua leitura, afora ter contato com um texto de qualidade, escrito por um dos maiores poetas em atividade de nossa língua, o aluno poderá “olhar” para o gatinho, bicho de estimação do poeta, segundo a sua ótica, que procura aproximar-se do gato, observando, descrevendo e decifrando o seu comportamento. É um olhar para o outro e uma tentativa de confrontar a observação com o senso comum sobre os gatos. Além da fruição da poesia de Ferreira Gullar, a leitura do livro **Um gato chamado gatinho** pode render boas discussões.

PARA IR ALÉM

Borba, o gato, de Ruth Rocha; **O gato da xícara de chá**, de Anna Flora; **A vaca que botou um ovo**, de Andy Cutbill.

PARA BRINCAR COM AS PALAVRAS: POESIAS, PARLENDAS, TROVINHAS, PROVÉRBIOS E ADIVINHAS

“Poesia é brincar com a palavra”, já nos dizia o poeta José Paulo Paes, com bastante sabedoria. Assim como a poesia, as parlendas, trovinhas e adivinhas também brincam a nossa língua, combinando palavras cuja sonoridade é semelhante, palavras que juntas sugerem movimento, forma ou som; palavras que ganham novo sentido quando faladas ou escritas em outros contextos.

Ao brincarmos com as palavras, ganhamos intimidade com a língua, percebemos que ela é plástica e viva e que podemos utilizá-la em situações variadas, de muitos jeitos diferentes. Ao lermos ou recitarmos poesias, parlendas, trovinhas, provérbios ou adivinhas, brincamos com a língua, nos tornamos mais íntimos das palavras.

As crianças costumam apreciar muito essas brincadeiras com as palavras. E se queremos contribuir para o seu processo de formação de leitores e escritores, sabemos que precisamos apresentar-lhes textos diversos, fazendo circular uma diversidade de linguagens na sala de aula.

Assim, justifica-se plenamente o trabalho com as modalidades orais da literatura, como são as parlendas, trovinhas, provérbios ou adivinhas. Além disto, trabalhar com esses textos descortina para as crianças outro valioso conhecimento: nossa cultura popular, que nos enraíza, colocando-nos a par de um aspecto importante de nossa identidade cultural.

E como o trabalho com a poesia, parlendas, trovinhas, provérbios e adivinhas poderá estar presente na sala de aula? Em primeiro lugar, é importante que a leitura destes textos seja uma leitura “gratuita”, garantindo o ler por ler, a fruição poética, o espaço para a brincadeira com as palavras. O desdobramento da leitura desses tipos de texto pode ser a organização de um sarau entre os alunos ou de uma antologia poética, um livro de parlendas ou um dicionário de provérbios. O importante é que as crianças possam perceber a importância do texto em si, aproveitando-o, fruindo-o ou brincando com ele, tal como é utilizado além dos muros da escola.



POEMAS

As nossas sugestões de poemas não indicam uma idade determinada, como as sugestões dos livros. A ideia é que a sonoridade dos poemas, a brincadeira que eles fazem com as palavras poderá caminhar entre diferentes faixas etárias. E como já afirmamos, a nossa sugestão é que os

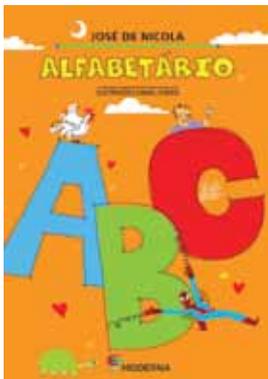
poemas possam ser lidos em sala, tal como nos aproximamos dele fora: para encantar, divertir, emocionar, brincar. Seguem alguns aspectos que poderão nortear a sua escolha, dialogando com o momento em que estão os alunos.

AS PALAVRAS COMO INSPIRAÇÃO POÉTICA: O JOGO COM A PALAVRA EM SI



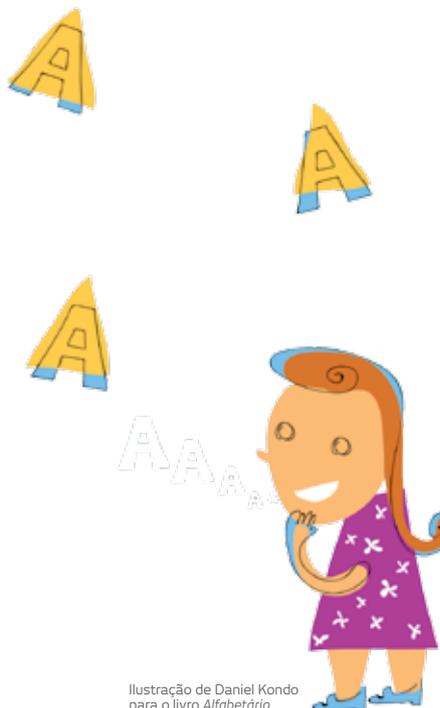
- *DE LETRA EM LETRA*, DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS.
- *ALFABETÁRIO*, DE JOSÉ DE NICOLA.

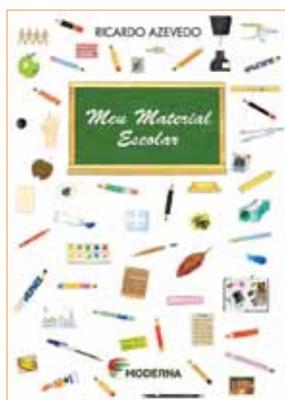
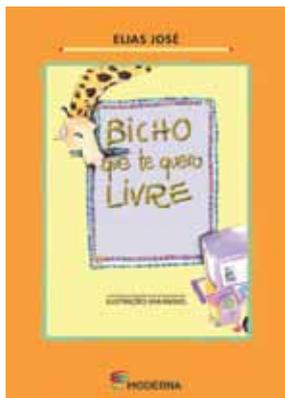
A poesia é por excelência o jogo com a palavra. Ressaltando esse aspecto, esses autores procuram enfatizar como podemos brincar com as palavras de uma mesma letra. Já dizia Paulo Leminski que o **alfabeto é um bicho de vinte e três patas, ou quase... por onde ele passa nascem palavras e frases...** O poeta é aquele que brinca com essas letras, palavras, frases. É aquele que brinca com esse "bicho alfabeto". O que pode ser percebido na leitura dos poemas desses livros: a sonoridade da letra e das palavras, as aproximações e distanciamentos de sentido.



DICA

Os alunos que estão aprendendo a ler e a escrever por conta própria, e que estão se perguntando e refletindo muito sobre a construção da escrita, podem se divertir com esse olhar poético para as letras.





A POESIA E O OLHAR INUSITADO PARA O COTIDIANO

- *MEU MATERIAL ESCOLAR*, DE RICARDO AZEVEDO.
- *BICHO QUE TE QUERO LIVRE*, DE ELIAS JOSÉ.

Tudo pode virar poesia, desde que possamos olhar para tudo aquilo que nos rodeia de um jeito novo, diferente, nunca visto. Que jeito é esse? Procurando novas aproximações, definindo as coisas pelas relações que temos com elas, pelas relações que elas podem ter com outros objetos. O material escolar pode ganhar um olhar poético, os animais mais simples e mínimos também. É o que fazem Ricardo Azevedo e Elias José nos livros aqui sugeridos.

DICA

para olhar de outra forma o contexto escolar, a relação e o conhecimento sobre os animais.

A POESIA E O ESTILO DE UM AUTOR

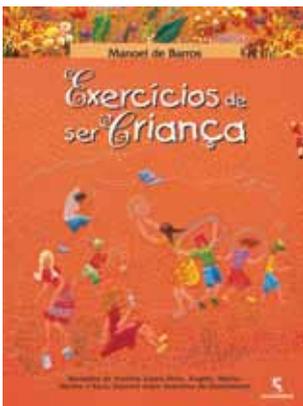
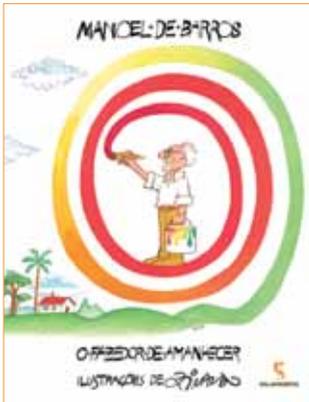
Há muitos modos de se fazer poesia. Há poemas rimados, outros sem rima, há poemas longos, quase narrativas, outros muito curtos, como os haicais. Há poemas que conversam com músicas e cantigas populares. Há poemas que nascem de histórias. Como serão os poemas de Elias José. Segundo o autor, **a poesia tem tudo a ver com tua dor e alegrias, com as cores, as formas, os cheiros, os sabores e a música do mundo**. A partir deste primeiro trecho do poema "Tem tudo a ver", do livro **Segredinhos de Amor**, como identificar essas ideias nos vários poemas de Elias José?

- *NAMORINHO DE PORTÃO*, DE ELIAS JOSÉ.
- *SEGREDINHOS DE AMOR*, DE ELIAS JOSÉ.

DICA

Para alunos que já entraram no universo poético.

A POESIA E A FORÇA DAS PALAVRAS



- *O FAZEDOR DE AMANHECER*, DE MANOEL DE BARROS.
- *EXERCÍCIOS DE SER CRIANÇA*, DE MANOEL DE BARROS.

A poesia de Manoel de Barros faz a gente pensar: será que a poesia serve para a gente entender? Ou para surpreender? Serve para olhar o mundo com olhos novos, com novas lentes? O que as palavras são capazes de fazer? De criar? A poesia de Manoel de Barros evidencia a eficácia simbólica das palavras, ou seja, como as palavras são capazes de criar, em nosso pensamento aquilo que expressam. Por exemplo, quando eu falo ou escrevo cão, eu penso num cachorro. A palavra vira a coisa pra mim. E nesse sentido, há semelhança com o faz de conta, pela realidade que cria. Essa relação pode ser mostrada para as crianças por meio da poesia de Manoel de Barros, como neste verso do poeta: *antes a gente falava: faz de conta que este sapo é pedra. E o sapo eras. Faz de conta que o menino é tatu. E o menino eras um tatu.*

DICA

Para leitores mais experientes.
Para dialogar com as unidades que tratam da invenção e da força do imaginário. E para a relação com a natureza.



BRINCADEIRA COM AS PALAVRAS

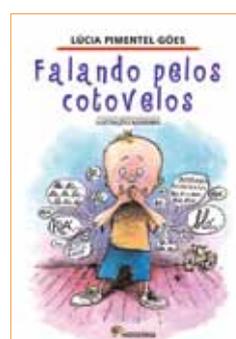
Para olhar para o absurdo e para a festa (o engraçado, a brincadeira) que pode haver na relação entre as palavras. E para adentrar um pouco mais em nossa cultura popular – brincadeiras de roda, cantigas, jogos de arreliar, de escolher, que atravessam gerações de crianças.

- *ASSIM ASSADO*, DE EVA FURNARI.
- *NÃO CONFUNDA*, DE EVA FURNARI.
- *TRAVADINHAS*, DE EVA FURNARI.



Ilustração de Eva Furnari para o livro *Travadinhas*.

- *ENROSCA OU DESENROSCA*, DE MARIA JOSÉ NÓBREGA.
- *SALADA, SALADINHA*, DE MARIA JOSÉ NÓBREGA.
- *FALANDO PELOS COTOVELO*, DE LUCIA PIMENTEL GOÉS.



DICA

Para dialogar com unidades que tratem de nossa cultura popular.

BEM-TRAÇADAS LINHAS: AS CARTAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

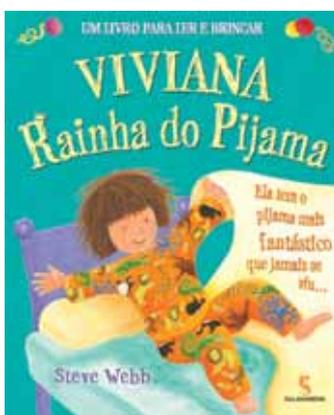
As cartas são escritas pessoais, carregadas de afeto. Escrevemos para matar saudades, para dizer de nossos sentimentos, para nos comunicar com alguém. As cartas são, por excelência, a escrita para o outro. Ao trabalharmos as cartas na escola, com alunos do Ensino Fundamental, que estão começando a se exercer seu papel de escritores, damos-lhes a oportunidade de se colocarem de maneira muito pessoal em sua escrita, o que pode colaborar muito para o seu envolvimento com a tarefa.

Como sugestões de atividades, os alunos podem escrever cartas entre si, entre crianças de outras escolas, para pessoas de fora da escola, mas que estejam envolvidas de alguma maneira no projeto de trabalho da classe: um profissional que possa responder perguntas e dúvidas do grupo, um autor de quem se leu e gostou muito do livro, para um jornal, quando for pertinente expressar a opinião

sobre uma matéria ou assunto. Há uma infinidade de situações em que os alunos podem se colocar como escritores de cartas e aprender muito com essa situação.

Afora as cartas, fica também a sugestão de trabalhar outra forma de correspondência presente no dia a dia atual: a troca de *e-mails* e outros tipos de mensagens eletrônicas. As duas modalidades, pelo fato de serem uma prática social que possui existência concreta fora dos muros da escola, instigam ainda mais às crianças na tarefa de escrita e leitura.

Como sugestão bibliográfica, temos algumas indicações interessantes para as crianças, sugerindo tanto obras que intercalam as cartas ao seu enredo quanto livros que utilizam os recursos expressivos usados nas cartas.



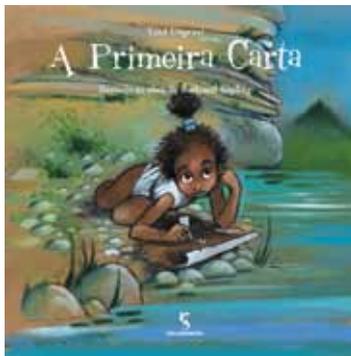
PARA O 1º ANO, INDICAMOS:

- *VIVIANA, RAINHA DO PIJAMA*, DE STEVE WEBB.

PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 5, **Eu faço festa**, do material de **Língua Portuguesa**.

Será que os alunos do **1º ano** conhecem esse tipo de escrita e forma de comunicação? Por que será que Viviana e os animais se comunicavam por meio de cartas? Quando, em nosso cotidiano, nos comunicamos por meio de cartas ou bilhetes? Como este texto é escrito? Quais são as suas características? Para terminar, proponha a escrita de um bilhete ou de uma carta que faça sentido para sua turma.



PARA O 2º ANO, INDICAMOS:

- *A PRIMEIRA CARTA*, DE YANN DÉGRUEL.

PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 2, **Eu decifro charadas**, do material de **Língua Portuguesa**.

Como é a carta que aparece no livro? Veja se ao alunos conseguem diferenciar a carta do livro de uma carta escrita. Será que já receberam uma carta? Sabem para que serve esse tipo de escrita? Conhecem outra escrita que pode se assemelhar a uma carta? A personagem do livro poderia escrever uma carta? Por que não? Será que ela já conhecia a escrita? O desenho foi a primeira forma de comunicação entre pessoas que estavam distantes. Converse sobre isso com seus alunos. Quando estamos perto da pessoa com quem queremos falar, como podemos nos comunicar?

PARA O 3º ANO, INDICAMOS:

- *FELPO FILVA*, DE EVA FURNARI.

PARA DIALOGAR

Para ler junto com a unidade 8, **Eu me informo**, do material de **Língua Portuguesa**.



No caso do livro escrito por Eva Furnari, além das cartas de Felpo Filva a Charlô Paspартu, a autora coloca em cena uma série de textos que são citados ao longo da história. Os outros textos citados vão desde as fábulas e os contos de fadas, passando pelas listas, provérbios, manuais, canções e poemas, entre outros. Além dos textos estarem presentes na história, todos eles ganham uma explicação ao final do livro.

Aproveitando a diversidade textual do livro, um encaminhamento possível é dividir a classe em grupos que examinem e estudem mais atentamente tipos diferentes de textos. Depois, é possível fazer uma troca entre os alunos, enfocando os diversos tipos de texto e suas características principais: a função que possuem, o uso normalmente feito de cada um deles e outras características observadas pelos alunos (a presença ou não de rimas, a moral ou pensamento final das fábulas, a estrutura dos contos de fadas, etc.).

PARA O 4º ANO, INDICAMOS:



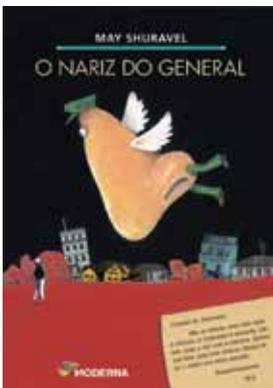
- *DE CARTA EM CARTA*, DE ANA MARIA MACHADO.

PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 9, **Eu colaboro**, do material de **Língua Portuguesa**.

Em **De carta em carta**, Ana Maria nos conta sobre a delicada relação de um avô e seu neto, que é reforçada e, de certa maneira, redescoberta a partir das cartas trocadas entre eles, evidenciando para os alunos o papel e o valor que as cartas podem ter em nossas vidas, e para que nos serve essa escrita. Discuta sobre isso com os alunos, reforçando o fato de que a escrita, de modo geral, envolve sempre o outro. Aquele a quem escrevemos, aquele a quem falamos. Como um desdobramento, peça que eles imaginem: se eles fossem o neto da história, como escreveriam uma das cartas enviada para o avô? Que carta escolheriam para modificá-la? E por quê?

PARA O 5º ANO, INDICAMOS:



- *O NARIZ DO GENERAL*, DE MAY SHURAVEL.

PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 9, **Eu defendo uma opinião**, do material de **Língua Portuguesa**.

O nariz do general, de May Shuravel é um livro que traz as cartas como um dos motes para o desenrolar da história. Além de possibilitar a leitura das cartas, uma reflexão sobre esse tipo de escrita e trabalhos e atividades como as que estão sugeridas acima, o livro também aborda o processo de criação da história a partir da correspondência fictícia entre a escritora e o ilustrador. Um aspecto interessante a ser discutido com os alunos é justamente o diálogo possível entre a imagem e o texto, entre ilustrador e autor: como as ideias de ambos se comunicam? O que a ilustração é capaz de mostrar? Como ela pode modificar ou facilitar nossa compreensão do texto? Como a ilustração pode acompanhar o estilo do texto?

São várias possibilidades de discussão com os alunos a respeito desse tema, que abarca a relação imagem e texto, a partir de alguns elementos:

- **Estilo:** se o professor preferir trabalhar o estilo da ilustração que acompanha o estilo do texto, ele poderá selecionar textos de diferentes épocas e suas ilustrações, procurando encontrar relações entre os estilos. Para tanto, pode ser de grande valia um trabalho com os contos de fadas e seus ilustradores e as mudanças na imagem e nos textos ao longo do tempo.
- **Diálogo:** o que a ilustração nos faz pensar a respeito do texto? Ou o que ela prioriza como mais importante ou o que ressalta do que lemos? Para tanto, o professor poderá utilizar livros já conhecidos pelos alunos e trabalhar a partir das suas ilustrações.
- **Antecipação:** o que a ilustração nos conta a respeito dos livros e histórias que não conhecemos? O que podemos antecipar, apenas olhando e analisando as ilustrações? Nesse caso, o fundamental é que o professor trabalhe com livros ou histórias que as crianças não conhecem, procurando mostrar as ilustrações antes dos textos.

Não importa o que cada professor resolva trabalhar, se um ou mais de um aspecto da relação imagem texto, o importante é que estabelecer parâmetros e diálogos entre estas duas formas de expressão é também conquistar um comportamento fundamental de leitor, em especial, do leitor de livros infantojuvenis.





PARA SABER MAIS: A LEITURA DO MUNDO A PARTIR DOS LIVROS DE NÃO FICÇÃO

Será que lemos todos os livros da mesma maneira? Como nos colocamos, como leitores, frente aos livros de não ficção? Sabemos, e já foi afirmado neste material, que cada texto nos convoca de diferentes formas, de acordo com os objetivos que temos ao lê-los, e também com os protocolos de leitura do próprio texto, a maneira como foi escrito, como foi publicado, todos esses são elementos que nos apresentam indicações específicas para aquela leitura. No caso dos livros de não ficção, os alunos precisam aprender comportamentos leitores que exercemos quando vamos estudar. Se nós pararmos para pensar, podemos listar aqui algumas atitudes que usualmente temos quando precisamos ler um estudo para realizar uma pesquisa e aprofundar nossos conhecimentos. Quais são eles?

Para começo de conversa, precisamos distinguir aqui duas situações muito comuns que fazem parte da leitura dos textos de não ficção. A pesquisa e o estudo aprofundado. Muitas vezes, eles estão juntos, mas isso não é regra. Em alguns casos, buscamos a leitura de um livro de não ficção para saber uma informação específica. Nestas situações, é importante que tenhamos uma pergunta que possa guiar nossa pesquisa. Por exemplo, num estudo sobre a fauna brasileira, interessa ao aluno conhecer quais são as espécies de animais da mata atlântica que estão em risco de extinção. Nesse caso, você poderá sugerir a leitura do livro **Fauna e Flora**, de Nereide Schilaro Santa Rosa, mas não do livro todo, e sim, apenas do trecho em que o aluno encontrará essa informação. Para tanto, ele terá de aprender um comportamento leitor diferente daquele que quer estudar esse tema como um todo, ou seja, entender como a fauna e

a flora brasileiras se compõem. Nessa situação, o livro deverá ser lido como um todo, e para apreenderem melhor as informações, você poderá orientar, por exemplo, que seus alunos façam um resumo da obra, destacando os principais aspectos.

Além do resumo, há muitos outros comportamentos leitores ligados ao estudo ou à pesquisa, por exemplo: grifar partes importantes do texto, escrever fichas informativas, buscar no índice, caso o livro o apresente, onde posso buscar a informação de que necessito. Pesquisar outras referências na bibliografia do livro (que certamente farão parte do livro de não ficção) que possam ampliar a minha pesquisa, dialogando com as informações que já tenho.

Para que os alunos tenham sucesso em sua leitura de livros de não ficção, é fundamental que tenham clareza dos objetivos de estudo e de pesquisa, que saibam exatamente o que estão buscando nos livros consultados. Se forem produzir qualquer tipo de texto com base nessas leituras, também é muito importante que saibam para quem irão escrever e quais são as informações mais importantes que devem constar no texto. Sabendo de tudo isso, vamos às nossas indicações.

Em tempo, os livros de não ficção também podem mexer com a nossa imaginação. Afinal de contas, não é porque tratamos de temas que estudamos, que não podemos “viajar” um pouco nas informações, certo? Desta maneira, você, como professor, pode e deve estimular um intercâmbio entre os livros de não ficção e os de ficção. De que maneira as histórias podem dialogar com a informações? Onde pode nos levar, por exemplo, a

leitura de um livro sobre astronomia? Que histórias poderiam conversar com essa leitura? E o que podemos aprender com a leitura de um livro de ficção, que poderá nos levar para os livros de não ficção, para que complementemos uma informação ou conhecimento?

Todas as indicações propostas dialogam diretamente com as unidades do Buriti e podem complementar os estudos dos alunos. Para as

dicas a seguir, considere as orientações feitas anteriormente. Os livros apresentados trazem muitas informações. É importante que o estudo e a pesquisa possam ser orientados por você, professor, para que seus alunos possam selecionar as informações de que necessitam. Se a proposta for uma leitura extensa, nossa dica é: divida em capítulos e oriente seus alunos a fazerem pequenos resumos. Isso os ajudará a apreender melhor as informações. Bons estudos!

SABENDO MAIS SOBRE NOSSA CULTURA

PARA O 3º ANO, INDICAMOS:



- *CULTURA DA TERRA*, DE RICARDO AZEVEDO.
- *ALMANAQUE PÉ DE PLANTA*, DE ROSANE PAMPLONA.
- *USOS E COSTUMES*, DE NEREIDE SCHILARO SANTA ROSA.

PARA DIALOGAR

As indicações podem ser lidas junto com as unidades 3, **A população e os municípios (Cultura da Terra)**; unidade 5, **Agricultura (Almanaque Pé da Planta)** e unidade 7, **O trabalho na indústria (Usos e Costumes)** do material de **Geografia**.

Converse com seus alunos sobre a origem dos **almanaques**, uma **caixinha de surpresas**, como diz **Rosane Pamplona**.

Atente para o fato de que os livros trazem diferentes meios para se obter conhecimento sobre a cultura. No livro de Ricardo Azevedo, os alunos terão contato com a cultura por meio de histórias, adivinhas, versinhos e receitas, divididos por região. Em **Almanaque Pé de Planta**, Rosane Pamplona mescla muitas informações sobre algumas plantas

que fazem parte de nossa alimentação. São histórias, informações mais técnicas, receitas, provérbios e curiosidades em geral, bem ao gosto do texto do almanaque. De que maneira você poderia orientar seus alunos a buscarem informações nestes textos tão diferentes?

No caso do livro **Usos e Costumes**, seguindo a tradição da coleção, Nereide Santa Rosa alia a leitura da imagem ao conhecimento. Considerando diferentes momentos da evolução do homem e de nossa cultura, como os usos e os costumes do nosso povo podem ser lidos a partir das imagens escolhidas

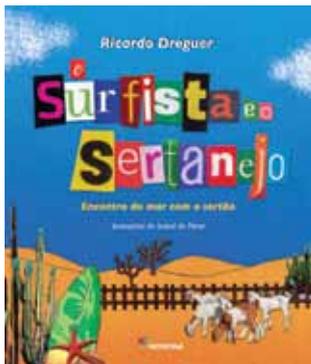
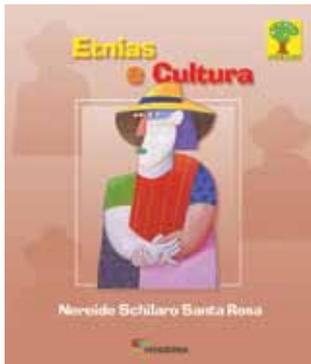
pela autora. Esta deve ser a consigna geral para a aproximação com este livro, mas é importante também que haja alguma especificidade na pergunta, situando, por exemplo, uma determinada época ou lugar para que os alunos não se percam em meio a tantas informações que a autora traz.

PARA O 4º ANO, INDICAMOS:

- *ETNIAS E CULTURA*, DE NEREIDE SCHILARO SANTA ROSA.
- *O SURFISTA E O SERTANEJO, ENCONTRO DO MAR COM O SERTÃO*, DE RICARDO DREGUER.

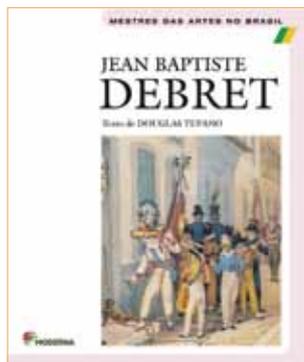
PARA DIALOGAR

As indicações aqui sugeridas dialogam com a unidade 5, **Região Nordeste (o surfista e o sertanejo)** e com a unidade 8, **Região Sul (Etnias e Cultura)** do material de **Geografia**.



No caso de **Etnias e Cultura**, apesar de o livro tratar da formação étnica brasileira, atente às informações relativas à região Sul, com foco na imigração italiana, espanhola e alemã. O que seus alunos poderiam necessitar saber a respeito dessas culturas e como se instalaram no nosso país? Perguntas em torno da alimentação, por exemplo, poderão ser respondidas com a leitura do livro.

Em se tratando de **O surfista e o sertanejo, encontro do mar com o sertão**, de Ricardo Dreguer, aponte para os alunos que se trata de uma ficção escrita para nos ensinar algo sobre o modo de vida e as características de dois lugares bem diferentes de nosso país. A leitura poderá servir de estímulo para uma ampliação cultural e também para uma busca de outras pesquisas. O que mais, além do que o texto traz sobre o sertão do Nordeste, os alunos gostariam de saber ou de aprofundar?



PARA O 5º ANO, INDICAMOS:

- *JEAN-BAPTISTE DEBRET, DE DOUGLAS TUFANO.*

PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidades 2, **O processo de independência do Brasil**, do material de História.

Debret foi um importante artista francês que retratou o cotidiano brasileiro durante os anos de 1816 até 1831, período em que ele viveu em nosso país. Por terem sido pintados numa época em que a fotografia ainda não havia sido inventada, as pinturas de Jean-Baptiste Debret acabaram por se constituir numa das mais importantes fontes para as pesquisas do cotidiano e dos hábitos das pessoas que viviam no Rio de Janeiro, no início do século XIX.

Com a leitura do livro **Jean-Baptiste Debret**, o professor poderá mostrar algumas cenas retratadas, perguntando aos alunos se eles conseguem imaginar como era a sociedade brasileira no início do século XIX. Debret registrou muitas cenas de escravos fazendo o seu trabalho, evidenciando em muitas delas o poderio dos brancos. Será que os alunos conseguem fazer essa relação apenas observando as imagens? O que será que conseguem afirmar ou perceber a partir da observação atenta das imagens de Jean-Baptiste Debret?



PARA IR ALÉM

Festas e Tradições, de Nereide Schilaro Santa Rosa; **Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho**, de Ligia Rego e Angela Braga.



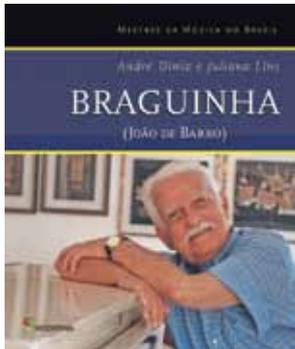
Ilustrações de Jean Baptiste Debret, do livro *Mestres das Artes no Brasil - Jean Baptiste Debret*.



SOMOS UM PAÍS MUSICAL

PARA O 3º ANO, INDICAMOS:

- BRAGUINHA (JOÃO DE BARRO), DE ANDRÉ DINIZ E JULIANA DINIZ.

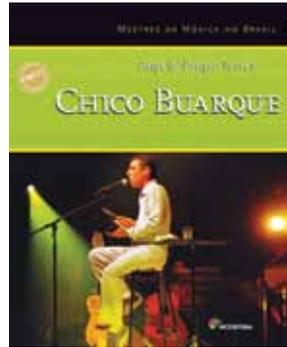
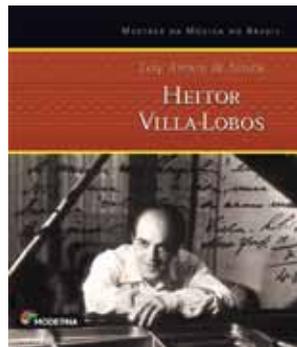
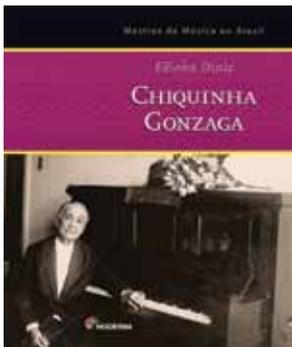


PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 5, **Música também tem história**, do material de **História**.

PARA O 5º ANO, INDICAMOS:

- CHIQUINHA GONZAGA, DE EDINHA DINIZ.
- HEITOR VILLA-LOBOS, DE LOLY AMARO DE SOUZA.
- CHICO BUARQUE, DE ANGELA BRAGA TORRES.



PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 5, **O começo da República (Chiquinha Gonzaga)**; unidade 6, **A era Vargas (Heitor Villa-Lobos)** e unidade 8, **A ditadura militar (Chico Buarque)** do material de **História**.

Por se tratar de biografias de músicos e sua relação com o tempo em que viveram, pode-se guiar a leitura a partir de algumas questões:

1. Após uma breve leitura de imagens, o que é possível observarmos sobre a época em que o artista viveu? Como seu mundo está retratado nas imagens? O que será que acontecia em sua época?
2. Na sua opinião, de que forma a obra deste artista foi marcada pelo tempo em que viveu?
3. Quais dificuldades enfrentou?
4. O momento social e político ajudou o artista a definir seus estilo? O mesmo momento social e político de alguma forma atrapalhou este artista? Por quê?
5. De que forma a leitura de uma biografia pode nos fornecer dados para compreendermos melhor o trabalho de cada um desses artistas?

MEIO AMBIENTE

PARA O 2º ANO, INDICAMOS:



- *AVENTURAS DE UMA GOTA DE ÁGUA*, DE SAMUEL MURGEL BRANCO.
- *CURUPIRA E O EQUILÍBRIO DA NATUREZA*, DE SAMUEL MURGEL BRANCO.
- *O SACI E A RECICLAGEM DO LIXO*, DE SAMUEL MURGEL BRANCO.

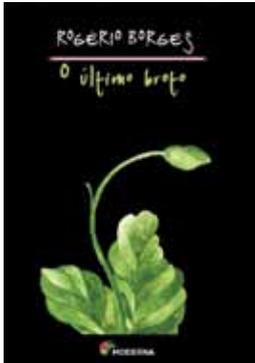
PARA DIALOGAR

As indicações dialogam com a unidade 4 do material de **Geografia**.

A partir de histórias contadas pelo autor, os alunos podem ampliar um pouco mais os seus estudos sobre o meio ambiente. Note que há quadros com textos informativos, que conversam com o conteúdo da história. Uma dica de como encaminhar a leitura: formule perguntas a partir daquilo que os alunos necessitam saber. Busque

as respostas tanto na história quanto nos boxes informativos. Depois disso, você poderá pedir que os alunos escrevam fichas sobre os seus estudos. Lembrando-se de que é fundamental que essas fichas sejam lidas por outros alunos. Para tanto, pense num produto que promova a circulação da informação, por exemplo, um mural.

PARA O 3º ANO, INDICAMOS:



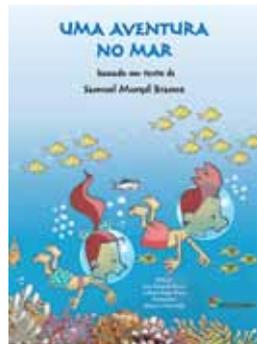
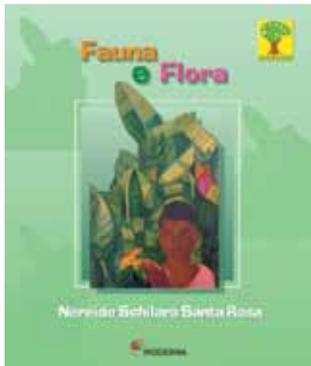
- O ÚLTIMO BROTO, DE ROGÉRIO BORGES.
- O SACI E A RECICLAGEM DO LIXO, DE SAMUEL MURGEL BRANCO.



Ilustração de Weberson Santiago para o livro *O saci e a reciclagem do lixo*.



PARA O 4º ANO, INDICAMOS:



- FAUNA E FLORA, DE NEREIDE SCHILARO SANTA ROSA.
- UMA AVENTURA NO MAR, ROTEIRO DE LUIZ EDUARDO RICON, MAYA REYES-RICON, TEXTO DE SAMUEL MURGEL BRANCO.
- AQUECIMENTO GLOBAL NÃO DÁ RIMA COM LEGAL, DE CESAR OBEID.

PARA IR ALÉM

lara e a poluição das águas, de Samuel Murgel; **C**urupira e o equilíbrio da natureza, de Samuel Murgel.

VIDA EM SOCIEDADE

PARA O 5º ANO, INDICAMOS:

- *VIRANDO GENTE GRANDE – RITUAIS INDÍGENAS DE PASSAGEM*, DE BENEDITO PREZIA.
- *BIA NA EUROPA*, DE RICARDO DREGUER.
- *BIA NA ÁFRICA*, DE RICARDO DREGUER.

PARA DIALOGAR

Para dialogar com a unidade 4, **Região Norte**, do material de **Geografia (Virando gente grande – rituais indígenas de passagem)**; com a unidade 8, **Região Sul (Bia na Europa)** e com a unidade 9, **O Brasil no mundo (O Brasil no mundo)**.

No caso da leitura de **Virando Gente Grande**, explore com seus alunos quais são as tribos indígenas da Região Norte. Busque realizar uma pesquisa prévia, procurando saber um pouco da história e como vivem os Nambiquaras e os Saterés Maués. Em seguida, você poderá explorar com eles quais são os nossos rituais de passagem – a comemoração dos 15 anos, por exemplo – durante a adolescência. Quais seriam, então, os rituais de passagem dos índios aqui estudados? A partir dessa pergunta, sugira que os alunos organizem um mural explicativo com as informações conseguidas.

PARA DIALOGAR

Para acompanhar os estudos dos alunos do **5º ano** durante a unidade 9 do livro de Geografia, cujo tema é “O Brasil no mundo”, sugerimos a leitura de **Bia na África** e de **Bia na Europa** de Ricardo Dreguer.

Nestes dois livros da série Viagens da Bia, a menina e sua mãe passam um ano morando em Angola, na África e na Itália, Europa. Partindo da visão de uma criança, aproximando-se da linguagem e do que é familiar aos alunos, o livro discute aspectos como a visão estereotipada da África, as semelhanças e diferenças de Angola em relação ao Brasil, em se tratando da língua (como o português é falado no país africano), dos hábitos e da cultura angolana, certamente uma importante influência na cultura brasileira. No caso de



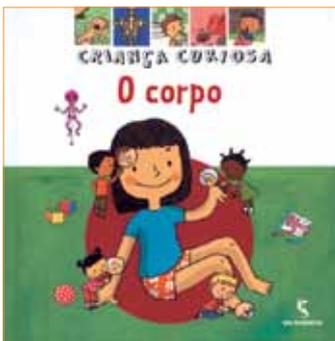
Bia na Europa, além da Itália, Bia passeia por outros países, como Espanha e Portugal, e vai mostrar algumas relações entre a cultura dos dois países, em especial como o Brasil, por meio dos imigrantes, absorveu certos aspectos da cultura italiana.

A partir dessas leituras, muitos aspectos poderiam se trabalhados com os alunos. Uma proposta interessante frente aos estudos de geografia, principalmente para acompanhar o tema da globalização, focado na unidade,

seria analisar com os alunos quais as influências que percebemos entre os países por conta da globalização e das origens comuns, comparando essas duas formas de influência entre países ou culturas diferentes.

PARA IR ALÉM

Bia na Ásia, de Ricardo Dreguer; **O homem-pássaro, história de um migrante**, de Ricardo Dreguer, **Aventura da escrita, história do desenho que virou letra**, de Lia Zatz e Diana Zatz Mussi.



NÓS SOMOS ASSIM

PARA O 1º ANO, INDICAMOS:

- *O CORPO, COLEÇÃO CRIANÇA CURIOSA, DE MICHÈLE LONGOUR.*
- *OS CINCO SENTIDOS, COLEÇÃO CRIANÇA CURIOSA, DE ADÈLE CIBOUL.*

PARA DIALOGAR

As duas indicações dialogam com a unidade 2, **O meu corpo**; a unidade 3, **O corpo muda**; com a unidade 4, **O tempo passa** e com a unidade 7, **Comer... Comer**, do material de **Ciências Naturais**.



Como os livros dessa coleção contêm muitas informações, o ideal é que você divida os temas a serem pesquisados. Por exemplo, no caso de **Os cinco sentidos**, a turma poderá dividir-se para pesquisar informações sobre o tato, o olfato, a audição, a visão e o paladar. Uma roda para compartilhar as informações seguida da organização de cartazes para ampliar a exposição do conhecimento adquirido podem ser dicas pertinentes aos dois livros. Você também poderá introduzir nos cartazes, as características das ilustrações, com *pop-ups* criados pelos alunos.

SUGESTÕES COMPLEMENTARES

CRIANDO UM “CLIMA LEITOR” EM SALA DE AULA E NA ESCOLA.

Um aluno que frequenta ambientes em que os livros possuem lugar de destaque, mediando relações e inspirando atividades, tem mais chances de perceber a importância da leitura para a vida, de estabelecer uma relação prazerosa com os livros e de seguir entusiasmado em seu caminho de leitor.

Para tanto, deve-se priorizar atividades na escola e em sala de aula, que enfatizem e reforcem a leitura com instrumento para entender o mundo, para se relacionar com a cultura, a língua escrita e as pessoas, desde os anos escolares iniciais.

Atividades que colaboram para a criação de um “clima leitor”, estimulador e encorajador da leitura:

- Formar uma biblioteca circulante de sala, com a participação e manutenção do acervo realizada pelos próprios alunos.
- Dedicar um momento do dia para a leitura em roda, planejando a atividade de acordo com o interesse dos alunos, o gosto e preferência dos alunos e professor. Conversar sobre a leitura, explicitando a escolha do texto, comentando sobre o que leram, incentivando e valorizando a participação dos alunos.
- Hora da leitura: dedicar algumas horas da semana à leitura pessoal, com indicações feitas pelo professor da sala aos alunos.
- Atividades de “clube de leitores”: organizar um mural em sala de aula ou na escola, para que os alunos façam suas indicações literárias a colegas da classe ou de outras turmas.
- Organizar periodicamente saraus literários em sala de aula.
- Estimular a conversa com autores, via cartas, internet, lendo ou realizando entrevistas.
- Visitar periodicamente ou sugerir que os alunos façam visitas a bibliotecas públicas ou livrarias com o objetivo de encontrar títulos que sejam de seu agrado pessoal ou do grupo de alunos.
- Sugerir ou organizar passeios a peças de teatro que encenem adaptações de textos estudados, que assistam a filmes e comentem sobre o seu enredo, estabelecendo comparações com o texto lido e o adaptado.
- Possuir catálogos de editoras em classe para que se possa fazer outras sugestões de leituras aos alunos, além dos textos estudados em sala de aula.



Ilustração de Clara Gavilan, Cláudio Martins, Lúcia Brandão, Madalena Elek, Maria Valentina, Raul Fernandes, Teresa Berlinck, Thais Beltrame e Thiago Lopes para o livro *Poemas que escolhi para as crianças*.